





EX-LIBRIS

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



**ANTONIO JOAQUIM DA ROSA**



**A CRUZ DE CEDRO**

**CIA. GRAPH EDITORA MONTEIRO LOBATO.**

PRAÇA DA SÉ, 34 :: SÃO PAULO :: 1924



A CRUZ DE CEDRO



ANTONIO JOAQUIM DA ROSA

---

# A Cruz de Cedro

ROMANCE PAULISTA

ÉPOCA - 1715

---

NOVA EDIÇÃO

---

*Editora*

*Companhia Graphico - Editora Monteiro Lobato*

*Praça da Sé, 34 — São Paulo*

*1924*



## I

Um estrangeiro, percorrendo a bella provincia de S. Paulo, escreveu as impressões da sua viagem, que foram publicadas em um jornal da época.

Em um dos periodos desse escripto nos recordamos de ter lido que o autor se impressionára vivamente por ter encontrado nas nossas estradas algumas cruces, tomando todas ellas como testemunho de assassinatos commettidos nesses logares.

Quem tiver lido esse trecho, a que nos referimos, pensará que o Brasil é habitado por barbaros vingativos, como os corsos, sempre com a faca em punho ou com o bacamarte engatilhado; e que este solo abençoado, que serviu de berço ao nobre Amador Bueno da Ribeira, é mais fertilizado pelo sangue precioso de seus filhos, do que pelos rios caudalosos que regam as suas entranhas e pelas chuvas, ora tempestuosas, as mais das vezes brandas e serenas, que humedecem a sua superficie.

Até certo ponto não condemnamos o autor com toda a indignação, com toda a severidade que exige uma diffamação tão affrontosa quão immerecida, contra a qual protestam altamente a nossa civilização, a nossa moralidade, os nossos costumes brandos, pacificos e nobres.

Além do *direito* de adulterar, a que se têm arrogado todos os estrangeiros que têm escripto ácerca da nossa terra, podia esse autor ser illudido pelas impressões de momento, por factos isolados, por informações inexactas...

Verdade é que uma ou outra Cruz plantada á beira das nossas estradas revela ao viajante que alli tombou

uma victima que seguia seu caminho, talvez a seiscitar no anjo que deixára entre suspiros e lagrimas.

Verdade é que uma ou outra cruz convida o viajante christão a elevar ao céo uma prece por aquelle que alli começou a dormir o somno do eterno esquecimento, deixando as torturas do remorso para o scelerado que o ousou roubar os raios da Divindade.

Mas a maior parte dessas cruzes tem uma origem verdadeiramente christã, origem ignorada pelo estrangeiro, que mal conhece nossos usos, nossos costumes.

Como se constroem pharoes para guiar o navegante, talvez perdido na extensão dos mares e em noite procellosa, assim, desde as éras mais remotas, os Paulistas plantam cruzes nos caminhos que se destacam das estradas geraes para avisar ao caminhante que, seguindo aquella vereda, encontrará um tecto hospitaleiro em pequena distancia.

Outras cruzes (às vezes tres em um logar) são collocadas afim de servirem de ponto de reunião aos vizinhos, que alli se congregam no dia de Santa Cruz para rezar e coroar de flores o simbolo da nossa redempção.

Em outros logares se encontram grupos de sete cruzes collocadas de distancia em distancia, onde se reúnem os habitantes do bairro nas sextas-feiras da quaresma para correrem a via sacra, memorando a paixão da excelsa victima do Calvario.

Em tempos mais remotos, nesses tempos de fé mais viva, collocava-se um pequeno cofre no tronco principal das cruzes, e o christão que passava introduzia a sua oblata pela abertura praticada na parte superior do cofre.

O ladrão, que não hesitava commetter um attentado contra a pessoa ou propriedade para estabelecer o equilibrio do communismo conforme as theorias de Fourier e de Proudhon, passava defronte dessas cruzes e não ousava violar o dinheiro sagrado que se encerrava nesses cofres.

Na vespera de finados o zelador da cruz abria o cofrezinho, e levava ao vigario todo o dinheiro que alli se achava, para se dizerem missas por alma dos mortos.

Deduzidas, pois as cruzes que têm uma origem tão nobre, poucas são, felizmente, aquellas que deshonram a humanidade.

## II

O cedro secular das virgens florestas brasileiras toma proporções gigantescas e pouco inferiores á peroba, quer na sua circumferencia, quer na sua altura magestosa.

O cedro brasileiro tem a propriedade de brotar facilmente, e, por isso, é a madeira mais commumente preferida para cruzes.

Os ramos que brotam e crescem do tronco da cruz formam em breve uma umbella silvestre, que a cobre com sua verde folhagem, como que preservando-a dos ardores do sol.

Nem a pittoresca estrada que atravessava como uma longa serpente a pequena mas ingreme serra do Bathé e que actualmente serve de comunicação entre a villa de S. Roque e a freguezia d'Araçariguama, nem a anterior, que seguia pela rua de Santa Quiteria, era o caminho trilhado entre esses dous pontos, quando essa villa fazia parte daquelle freguezia com o nome de Bairro de Carembehy.

Nesse tempo a estrada se deslisava á direita e algumas braças retirada da rua de Santa Quiteria, por uma montanha hoje coberta de verde gramma, onde ainda hoje se vêem os vestigios do seu antigo leito.

Pouco adiante do limpido Carembehy, nas fraldas dessa montanha de que falamos e á beira da antiga estrada abandonada quasi ha meio seculo, se erguia colossal e magestosa uma cruz de cedro cujos ramos espessos cobriam os seus braços como um docel de verdura.

Nos bellos dias de nossa infancia, que tão rapidos correram, uma secreta attração nos levava para junto da cruz de cedro e ahi nos entretinhamos com os nossos irmãos sem nos lembrarmos sequer que a branda relva cobria como um tapete de verdura os mysterios de um factó horrivel perdido nas cem pregas do vestido de um seculo.

Muitas vezes, em nossa adolescencia, quando o passado era uma rosa em agração, quando o presente se adornava com o perfume do jasmim, quando a esperanza e o futuro nos sorriam lisongeiros, quando o nosso coração se abria ás primeiras impressões do amor, nossos passos se dirigiam ainda para a cruz de cedro, e ahi passavamos horas inteiras engolfado em vago e delicioso scismar.

Assentado sobre a relva nascente, a cabeça recostada sobre o tronco da cruz e os olhos meio fechados, viamos sumirem-se os ultimos raios do astro do dia por trás dessa cadeia de montanhas que circunda a yilla, como uma muralha de verdura que alli collocára a mão da natureza.

Ouviamos como um languido suspiro de amor o melancholico sussurro do placido Carembehy, que serpenteava quasi aos nossos pés.

No perfume das flores do prado, que a briza nos transmittia, sentiamos o encanto de um beijo ardente colhido a furto nos labios de rosa de candida virgem abrasada de amor.

No gorgueio dos lindos passaros que esvoaçavam de flor em flor ouviamos os timidos suspiros da bella amante que entreviamos em nossos sonhos dourados.

Depois, lá, sobre as finas arêas do sereno Carembehy, se desenhava uma visão de formas vagas e duvidosas.

Pouco e pouco suas formas indecisas se tornavam mais distinctas, seus cabellos formados dos argenteos fios da limpha crystallina tomavam a cor negra e lustrosa da jaboticaba e cahiam longos e ondulosos sobre

as elegantes espaduas; seus olhos tambem negros e penetrantes como os da aguia, ora se humedeciam de magica ternura, ora desferiam relampagos de amor; suas faces morenas, de um oval perfeito, radiavam de belleza seductora; nos labios de cereja pairava um angelico sorriso; um vestido de nuvens diaphanas e transparentes mal occultava nas suas dobras voluptuosas os delicados contornos de um corpinho de sylphide... seus pésinhos de criança resvalavam a furto pelo tapete verdejante de macia relva.. Mais proxima, ella se precipitava em nossos braços, tremula e offegante..

Sentiamos o palpitar vehemente do seu coração virginal que batia de encontro ao nosso peito.. um beijo tremulo e ardente confundia as nossas almas em um doce extasi e lá subia ao céu nas candidas azas do anjo da innocencia..

E hóje.. como o cégo e melancholico bardo de Selma, vacillando entre as ruinas do passado, nossos pés resvalam de abysmo em abysmo; e, assentado á borda das torrentes que se precipitam das montanhas envoltas em um turbilhão de argenteos flocos e que lá vão deslizar-se docemente na planura da campina ornada de flores; com a nossa alma oppressa de pesares e de angustias, pranteamos lagrimas de sangue, porque a tristeza do nosso coração seccou e exauriu a outra fonte de lagrimas, embora tantas vezes de joelhos e a face em terra as imploremos.

Um céu de brônze não nos concede siquer essa consolação melancholica e nos faz sentir com o philosopho christão — a illustre victima da fortaleza de Spielberg — que a desgraça de não chorar é a maior nas grandes dôres.

### III

Era uma dessas tardes de julho, tão bellas, tão melancholicas e tão poeticas, como costumam ser nestas plagas abençoadas de Tibyrecá. \*

Estavamos junto da cruz de cedro immerso em meditações doces e cheias de esperanças, quando me builha de passos do lado da villa, de S. Roque nos veio distrahir.

Voltando os olhos ao longo da estrada, vimos a pequena distancia um velho apoiado em um tosco bordão: sob seus passos vacillantes estavam as folhas seccas, cahidas das arvores que orlavam o leito da estrada.

Era o indigena Juhybá-Ussú, da tribu de Guayanaz, que fôra catechizado pelos jesuitas de Piratininga, em cujo collegio foi baptizado com o nome de José Xavier e onde serviu alguns annos, passando-se ao depois para o de Araçariguama, onde residiu até que o braço de ferro do marquez de Pombal — o grande ministro de D. José I — exterminasse a companhia de Jesus; vindo, finalmente, assentar a sua morada em S. Roque, para morrer, dizia elle, entre as soberbas montanhas que o viram nascer e sobre a relva que lhe serviu de berço.

O velho trazia debaixo do braço o seu chapéo de junco, e pelos movimentos dos seus labios facil era adivinhar-se que vinha rezando.

Apesar de carregar sobre os hombros o peso de um seculo, conservava ainda com toda a pureza o esmalte de duas ordens de dentes; sua cabeça era ornada de bastos cabellos negros e duros, apenas, mesclados de raros fios de prata; seus olhos negros brilhavam com luz um tanto amortecida no fundo de duas cavernas; suas faces bronzeadas e macillentas eram cortadas por largos sulcos abertos pelo ferreo buril dos annos; as mãos requemadas pelo sol mortuario da velhice, já mirradas e contraídas: as pernas outr'ora tão musculosas e flexiveis, estavam arqueadas pelo tempo destruidor.

Trajava ceroulas e camisa de algodão da terra, e um jaleco de fustão azul com botões de aço.

Quando o velho fronteou a Cruz de Cedro, fez uma inflexão profunda com a cabeça e se dispoz a continuar o seu passeio.

— Boa tarde, mestre José, lhe dissemos nós.

O macrobio, que tinha vindo abortido, ou nas suas orações, ou nos seus pensamentos, não tinha dado fé da nossa presença; por isso, quando lhe dirigimos a palavra, fazendo um gesto que indicava a viva impressão de que se achava possuído, virou sobre os calcanhares com a vivacidade de um menino, e então, reconhecendo-nos, disse com voz que ainda trahia a sua emoção:

— Ah! não tinha visto.. também já pouco enxergo... Boa tarde, sr. moço.

E dando alguns passos para deante, como quem não estava disposto a conversar, parou de repente; e voltando-se de novo para nós, disse:

— Vai se fazendo noite; peço-lhe que se retire.

— Porque, mestre José?

— Porque...

— Fale sem receio.

— Porque de noite um fastasma negro vem gemer ao lado da Cruz de Cedro, derramar lagrimas sobre a terra ensopada de sangue; e ai daquelle que horas mortas se approxima deste logar tremendo, e tem a desgraça de ouvir os gemidos do fantasma da Cruz!

— Que succede aos que ouvem esses gemidos sinistros? perguntámos com interesse.

— Ou morrem no mesmo instante, ou ficam loucos para sempre, respondeu o velho, abaixando a voz, como que para não ser ouvida pelo invisivel fantasma.

— Estais excitando a minha curiosidade, mestre José. Fazei o favor de dizer-me porque o fantasma negro vem gemer alta noite ao lado desta Cruz? A que se attribuem as desgraças que acabaes de referir? De quem é o sangue que banhou esta terra tantas vezes calcada pelos meus pés? Quaes são os mysterios da Cruz de Cedro?

— Deus me livre de contar essas cousas a estas horas e neste logar!

— Então marcae outra hora para contar-me essa historia.

O velho, depois de hesitar por alguns segundos, disse:

— Amanhã bem cedo, si o sr. moço me prometter de se retirar já.

— Pois bem: eu me retiro; mas não vos esqueças que amanhã bem cedo nos encontraremos neste lugar.

— Não me esquecerei.

— Boa noite, mestre Xavier.

— Deus Nosso Senhor lhe dê *as mesmas*.

Voltámos para a nossa casa, e o mestre José Xavier seguiu seu caminho em direcção opposta, voltando a cabeça de quando em quando para certificar-se do cumprimento da nossa promessa.

#### IV

A febre da curiosidade, que escaldava a nossa imaginação juvenil, afugentou o doce somno para longe do nosso leito; e, durante uma longa noite de insomnia, fantasiámos mil vezes e por mil diversas formas a historia da Cruz de Cedro.

Quando os primeiros arrebóes da manhã rompiam o negro manto da noite com sua luz ainda frouxa e duvidosa, nos levantámos da cama e dirigimo-nos para o lugar apazado.

Logo que passámos a rua Municipal e que ganhámos a estrada, um clarão sinistro que se erguia do lado da Cruz de Cedro attrahiu a nossa attenção. Accelerámos o passo e bem depressa a vimos incendiada!

O sentimento, a indignação de que nos possuímos, ao ver destruir-se aquelle religioso monumento, que na sua linguagem muda e silenciosa falava das tradições do passado, só podem ser comparadas aos que se apoderaram do coração sensível do desditoso Werther quando encontrou derribadas as frondosas nogueiras a cuja sombra estivera assentado ao lado da sua divina Carlota.

Com os braços cruzados e o coração em magoas contemplámos o incendio dos restos da Cruz.

A chamma que crepitava do madeiro subia para o céu como uma nuvem mystica.

Então vimos acerçar-se de nós o indigena Juhybá-Ussú.

— Fostes vós, dissemos-lhe em tom de amarga reprehensão, que incendiastes esta cruz?

— Sim, fui eu, respondeu elle com toda a fleugma.

— E porque commettestes tão grande sacrilegio?

— Porque a Cruz de Cedro devia desaparecer antes de ser manchada.

— E quem vai profanal-a?

— Eu.

— Como?

— Arrancando das trevas do passado uma historia horrenda, que todo o mundo ignora.

— Pois bem, vamos a essa historia, dissemos nós, vendo que o mal era irremediavel e receiando que ficassemos privado della se irritassemos o velho.

Juhybá-Ussú assentou-se em um barranco da estrada, defronte do brazeiro, e ahí referiu-nos a historia dessa Cruz, de que hoje não resta o menor vestigio sinão na memoria daquelles que a viram.

Ser-nos-ia difficil mimosear o leitor com a linguagem do velho Xavier: apoderámo-nos dos factos e os vamos reproduzir com as phrases toscas de que usamos.

## V

O bispo missionario dr. Guilherme Pompêo de Almeida, um dos mais bellos typos das nossas glorias passadas, havia baixado ao tumulo a 7 de janeiro de 1873, victima da ambição dos jesuitas; e nas mãos delles haviam passado as immensas riquezas desse Creso paulistano, de que Pedro Taques faz honrosa menção na sua biographia dos paulistas illustres.

O padre Raphael Machado, reitor da companhia de Jesus no collegio de Piratininga da capitania de S. Paulo, apressou-se a mandar vinte Jesuitas para se estabelecerem no sumptuoso palacio que o dr. Guilherme havia fundado na fazenda de Araçariguama e que foi transformado immediatamente em collegio dessa ordem poderosa.

Em breve a santidade da Capella da Conceição, que o devoto dr. Guilherme edificára ao lado do seu palacio, foi profanada pelos filhos de Santo Ignacio de Loyola. A grande varanda desse nobre edificio, em que o dr. Guilherme se reunia com seus numerosos amigos, foi convertida em sala de refeitorio, onde a sobriedade era sacrificada quotidianamente ao Deus das orgias e dos festins. As cem camaras destinadas para os hospedes foram transformadas em cellas, theatros nefandos de scenas escandalosas.

Todavia, sem inquinar-se da corrupção dos seus indignos irmãos, vivia em uma dessas cellas um jesuita illustre, dando os mais edificantes exemplos de virtudes, supportando com heroica resolução as mais austeras penitencias no ocaso de uma vida votada ao martyrio. Era o Paulista septuagenario, o venerando padre Belchior de Pontes, digno successor do apostolo do novo mundo, o grande Anchieta.

Na manhã de um dos primeiros dias de agosto de 1715 chegou á porta da igreja do collegio de Araçariguama um moço que parecia ter dezoito annos, o qual, vendo levantar-se do confessionario uma mulher já edosa, entrou precipitadamente e foi ajoelhar-se aos pés do padre Gaspar do Santo Sepulcro, que alli se achava.

— Fazei o signal da cruz e rezae o acto de contrição, disse o confessor ao penitente, que acabava de ajoelhar-se.

— Ah! meu padre, estou tão perturbado que nem mesmo sei fazer o signal da cruz! respondeu Augusto de Lara com dolorosa emoção.

A estas palavras o padre Gaspar, que come logo se ha de ver, representa um papel assás importante nesta historia, fitou no mancebo um olhar coruscante como o raio. Com esse olhar d'aguia o jesuita devassou com a intelligencia de um Lavater os segredos desse peito em combustão. Nem era de mister o olhar penetrante de um jesuita acostumado a ler nos arcanos da alma, para adivinhar que ardia um vesuvio no peito do mancebo. Seu vestuario negligente, a desordem dos seus cabellos negros, o brilho vulcanico dos seus olhos tambem negros, macerados por vigalias e penosos cuidados, o rubor que abrazava suas faces morenas, o tremor do seus labios e dos musculos dessa physionomia expressiva e bella, cujos traços estavam alterados por violenta paixão, tudo isso revelava o tumulto das paixões que se grupavam no peito afflicto do misero mancebo.

O padre Gaspar, depois do seu rapido exame, dirigiu-se ao joven Lara com voz branda e insinuante:

— Meu filho! disse elle, vejo com pesar que as paixões mundanas vos desvairam e que, no estado de agitação em que vos achaes, mal podereis aproveitar os beneficos fructos da confissão.

— Sim, meu padre, tendes razão, porque ajoelhei-me aos vossos pés sem saber mesmo o que fazia: é que o meu coração transborda de affectos, e o desespero me suffoca e perturba.

— Bem triste é a vossa posição, meu filho; mas nos recursos da experiencia, na dedicação de um amigo, nos conselhos da sabedoria podeis encontrar por ventura um remedio inesperado aos vossos males.

— E quem é que me ha dar esses conselhos, se não tenho sobre a terra nem sequer um amigo?

— Eu, meu filho, que sou o amigo dos desgraçados, se depositardes em mim toda a vossa confiança, se me abirdes o vosso coração, como a um amigo sincero e dedicado.

— Pois bem, meu padre, ouvi-me,

— Não, meu filho, este logar sagrado não é talvez o mais proprio para as revelações que tendes a fazer-me. Eu vou celebrar o santo sacrificio da missa; ouvi-a com toda a devoção; implorae o auxilio da Virgem Santissima para que se compadeça das tribulações da vossa alma. Depois disto acompanhae-me á minha cella, e ali conversaremos largamente.

O jesuita levantou-se sem esperar pela resposta; dirigiu-se á sacristia, paramentou-se e veiu dizer missa no altar mór.

Augusto de Lara ficou de joelhos no mesmo logar em que se achava e ali permaneceu durante a missa, immovel como uma estatua.

Terminada a missa, o padre Gaspar voltou á sacristia, despiu a casula e a alva e, vindo para junto do pobre moço, tocou-lhe no hombro com a ponta dos dedos, dizendo-lhe:

— Acompanhae-me.

Augusto estremeceu ao contacto, abriu os olhos com espanto e, fitando-os nos do padre, exclamou como que acordando de profundo somno:

— Ah! que me queres?

— Acompanhae-me, repetiu o jesuita, extendendo-lhe a mão e ajudando-o a levantar-se.

Ambos sahiram pela porta principal da egreja, entraram pela do collegio, subiram uma extensa e larga escada angulosa, atravessaram diversas salas e chegaram finalmente a uma cella, onde se assentaram em cadeiras de sola preta junto de uma mesa de jacarandá.

O padre Gaspar deu um assobio, e appareceu immediatamente um menino de doze annos, que era um dos cathechumenos do collegio.

— Que ordena vossa reverendissima? perguntou o intelligente menino, inclinando-se com respeito.

— Vae dizer ao reverendo reitor que me acho um pouco indisposto e que peço licença para almoçar na minha cella.

O menino retirou-se e, voltando dahi a pouco, disse:

— O reverendo reitor concedeu a licença que vossa reverendíssima mandou pedir-lhe.

— Pois bem: agora vae rogar ao padre dispenseiro que mañde um almoço *simpliciter* para dous.

Pouco depois foi servido sobre a mesa um excellente almoço com dous talheres.

O *simpliciter* em artigos culinarios era um termo de convenção na gíria dos santos padres da companhia de Jesus: exprimia sempre no sentido lato o termo opposto á simplicidade.

Augusto de Lara apenas tomou duas colheres de caldo de frango e um golé desse precioso vinho que o dr. Guilherme fabricava na sua fazenda de Araçariguama e do qual ainda restavam algumas garrafas na adega do collegio, que o gorducho e rubicundo padre dispenseiro de quando em quando cedia aos amigos intimos, em alguns bons momentos, mas não sem grande sentimento da sua garganta e do seu estomago.

Como uma antithese viva collocada fria e inexoravelmente defronte do moço, cujo estomago não podia suportar os alimentos, porque o seu peito estava repleto de maguas, o padre Gaspar comeu com a voracidade de um lobo. A gula entre os jesuitas era mais uma virtude do que um peccado mortal.

Terminado o almoço, durante o qual profundo silencio reinou entre os dois convivas, o jesuíta, levando aos finos beiços um guardanapo de linho, disse:

— Agora sou todo ouvidos para escutar-vos, meu pobre amigo.

Augusto de Lara, erguendo a fronte abatida, que tinha apoiada entre as duas mãos, disse com accento doloroso:

— Meu padre! o tropel de angustias que me enche o peito suffoca em meus labios tremulos a voz fraca e balbuciante. Desejava encontrar um amigo em cujo peito entornasse a minha alma; mas, chegado esse momento, o coração hesita, e eu vejo no fundo de um quadro negro a inutilidade dos vossos conselhos. Ha gerações votadas ao infortunio. O destino do pae é quasi sempre o destino

do filho. Pesa sobre a minha cabeça a mão de ferro da desgraça, e a minha sorte se ha de cumprir! Para que, pois, revelar-vos os mysterios de um segredo que é a minha vida e a minha morte e que bem depressa tem de baixar connigo á sepultura?

— Tão joven e tão descrido! exclamou o padre Gaspar: quem vos matou no coração innocente a fé e a esperança, essas duas virtudes theologaes, essas duas filhas mimosas do céu, que sustentam o desgraçado que vai naufragar no mar tempestuoso da vida; que fazem a consolação do velho que vacilla entre uma existencia já murcha e a campa gelada que se ergue para bradar-lhe: "Peregrino! a tua missão está finda sobre a terra?" Quem substituiu a noite á manhã de vossos dias? Quem matou as crenças que deviam baixar convosco á sepultura?

— A desgraça, meu padre! respondeu o maneebo, comprimindo entre as mãos convulsas a cabeça afoqueada.

— A desgraça! exclamou o jesuita com accento vibrante; moço inexperto e fraco! a desgraça não vos revela a existencia de um Deus? A desgraça é o cadinho em que se depuram as almas que o Filho do Eterno mais ama. *Quis bene amat bene castigat.* Lembrae-vos do que soffreu Job, e na sua santa resignação, no exemplo grandioso das suas virtudes, buscae a força, a energia que vos fallece. Não sabeis que a desesperação é um peccado que brada aos céus, cujas portas se fecham para sempre aos miseros que desesperam? Não sabeis que é indigno da felicidade o coração que não tem força para soffrer a desgraça? Não sabeis que Deus é infinitamente bom e misericordioso, ainda mesmo desferindo os raios de sua colera celeste?

— Ah! meu padre! balbuciou o joven Lara, meio hesitando, mas já meio convicto pela argumentação vigorosa do jesuita.

— Hesitae ainda? Que! Não pôde destruir a causa do vosso soffrimento, tornar-vos feliz aquelle que com uma palavra poderosa creou os céus e a terra; que poz diques á impetuosidade dos mares; que delineou o curso

dos astros? Aquelle que abriu as aguas do Mar Vermelho para dar passagem aos Hebreus e que por espaço de quarenta annos os sustentou nos desertos de Sin com o maná que chovia do céu? Aquelle que deu á vara de Moysés o poder de fazer brotar da pedra de Horeb um arroio crystalino para saciar a sede do seu povo? Aquelle que á voz de Josué fez parar o sol sobré Gabaon e a lua sobre o valle d'Avalon? Aquelle que mandou os corvos sustentarem ao propheta Elias junto ao torrente de Carith? Aquelle que livrou ao propheta Daniel do lago dos leões? Aquelle que salvou a Jonas do ventre de um peixe; que deu vista ao cego Jericó e que na aldêa de Bethania fez resuscitar a Lazaro?

— Perdoae, meu padre, as minhas hesitações, nascidas da agitação em que se acha a minha alma, não pòrque de modo algum deixe de acreditar nos milagres da Escripura sagrada. Accedendo, pois, aos vossos desejos, vou abrir-vos o meu coração, traçando o quadro melancólico das minhas desgraças.

— Não receies importunar-me, por mais longa que seja a narração que tendes de fazer-me; e não omittaes quaesquer circumstancias da vossa vida, por mais indifferentes que vos pareçam e ainda que não tenham a menor relação com os infortunios que ora pesam sobre vós.

— Então quereis a historia de todo o meu passado?

— Sim, meu filho, eu a peço, mesmo afim de preparar o vosso espirito para chegar mais calmo aos factos que se prendem á actualidade.

Augusto de Lara fez úm gesto de assentimento.

## VI

O moço concentrou-se por alguns instantes e, depois, dando profundo suspiro, disse com voz mais segura e animada, porém algumas vezes tremula de emoção.

— Neste edificio passei os mais bellos dias da minha infancia; aqui se deslisam os innocentes gosos de minha

juventude, aqui se desabrochou e se desenvolveu a minha acanhada intelligencia; aqui devia eu, pois, expandir os soffrimentos do meu coração. . .

— Tanto mais quanto tendes o peito de um amigo para os confiades, observou o jesuita.

Augusto continuou depois de breve pausa:

— No pittoresco valle do Carembehy existe uma grande casa terrea, tendo na frente um extenso vestibulo com uma sala espaçosa em cada extremidade. Nas paredes do vestibulo estão desenhados a pincel e em grandes caracteres os martyrios da mais sublime das epopéas — a Paixão de Christo. No interior da casa ha um vasto salão, do qual se destacam para os lados diversos aposentos. A mobilia que decora o alpendre e as salas consiste em escabellos e mesas de canella preta. A architectura dessa casa é baixa, conforme a usança do seculo passado. Do parapeito do vestibulo ouve-se o murmurio do Carembehy, que serpeja na extremidade do terreiro, tão languido como o gemer da rola, tão suave como o beijo da brisa, tão melancolico como uma endeixa de amor e de saudade perdida na amplidão dos desertos. Além de muitos escravos e indigenas, moram nessa casa o capitão André de Góes e sua filha. . . Julia. . .

Ao pronunciar este nome com voz tremula, não só as resas do pudor incendiaram as pallidas faces do mancebo, como tambem estremeceu imperceptivelmente o padre Gaspar, que immediatamente se resserenou.

— O capitão André de Góes, continuou Augusto, é um velho de quarenta e cinco a cincoenta annos, alto, magro, moreno, de compleição robusta, de feições nobres, francas e sympathicas.

Augusto calou-se com visivel embaraço e como que não sabendo o que tinha de dizer.

— Agora farei o retrato da filha, disse o jesuita, que comprehendeu a hesitação do narrador.

— Julia. . . disse o mancebo com embaraço, Julia com seus dezoito annos, talhe esbelto e elegante, cintura

delicada, pés mimosos, alva como neve, olhos azues e cabellos louros, é uma dessas bellezas deslumbrantes que passam velozes como o raio através das sombras fugitivas de um sonho de poeta, deixando a sua alma inebriada dessa ambrosia, desse ambiente que se impregna aos vestidos virginaes de um anjo de belleza seductora e mysteriosa.

Augusto se interrompeu segunda vez, como exausto de cansaço pelo esforço supremo deste esboço.

— Em verdade é admiravel o retrato que acabaes de fazer, observou o fradé com as nasaes entumecidas e os olhos chammejantes.

— Oh, meu padre! exclamou o joven amante com enthusiasmo, se a visseis no crepusculo de uma linda tarde, vestida de branco e reclinada sobre o parapeito do vestibulo, a face de anjo apoiada sobre a mimosa dextra, e seus olhos grandes e languidos fitos com inexprimivel ternura no céu tão azul como elles, contemplando talvez em um extasi indefinido através das nuyens, essa mãe carinhosa e terna que se desprendêra dos élos da vida para ir esperar sua querida filha entre os cherubins tão puros como ella... Se então visseis uma lagrima em seu rosto como uma gotta do orvalho da manhã na assetinada folha de casta cecem... Ou se a visseis triste como uma saudade, a mão sobre o peito, como para comprimir-lhe as pulsações, e immersa em vago e mysterioso scismar!..

— E vós a tendes visto? perguntou o jesuita com a mesma exaltação com que o mancebo se exprimia, posto não com a mesma ingenuidade.

— Sim, meu padre! tenho contemplado extatico essa obra prima do Eterno, a magestade do seu porte e seus movimentos encantadores; tenho sorvido torrentes de amor nos seus bellos olhos; tenho adivinhado as palpações do seu coração, tenho enfim respirado o ar que ella respira, ouvido a sua voz divina!

— Sois bem feliz, meu filho!

— Bem feliz e bem desgraçado!

— Como isso?

Dez mezes depois do casamento dos meus proge-  
nitores, meu pae morreu subitamente. Minha mãe, fulmi-  
nada por esse golpe terrivel, abandonou-se ao excesso do  
mais doloroso sentimento e, debruçada sobre o corpo ain-  
da tepido do joven esposo, que ella amava com toda a  
ternura do seu coração, sentiu os primeiros pruridos do  
parto e dahi a alguns instantes deu á luz um menino pre-  
maturamente. Nesse momento ouviram-se um suspiro e  
um vagido. O suspiro partiu dos labios arroxados e con-  
vulsos da infeliz viuva, que acabava de ser mãe, e annun-  
ciava que sua alma pura subira para o céu, onde fôra  
reunir-se á do seu esposo querido. O vagido, que apenas  
exprimia a vida, sahira dos labios de um recém-nascido,  
que ia começar a sua peregrinação de dores no valle dos  
martyrios. Essa criança era eu, meu padre que ao cahir  
na terra casopada de lagrimas, não tive um cora-  
ção de mãe para acalentar-me junto do seu peito, não tive  
um pae para receber-me nos seus braços! Orphan, aban-  
donado á Providência, eis ahi qual foi a aurora da minha  
vida! A desgraça deve ser a partilha daquelle que nasceu  
entre as agonias e os horrores da morte!

— Pobre orphan! disse o padre Gaspar, fingindo  
enxugar uma lagrima.

— Uma velha indigena, que morava em casa de meu  
pae, correu dando espantosos gritos, e foi annunciar estes  
lamentaveis successos ao nosso vizinho mais proximo.  
Esse vizinho veio pressuroso; e, cheio de surpresa e de  
dôr, viu deante dos olhos este quadro negro, esta scena  
horrorosa: — um menino recém-nascido soluçando, cho-  
rando e a tiritar de frio entre os dous cadaveres palpi-  
tantes! Esse bom homem deu as ordens necessarias para  
prevenir o tumulto e a confusão proprias de tão deplora-  
veis circumstancias; tratou do enterro desse par infeliz  
e levou-me para a sua casa. Esse homem philanthropo e  
caridoso era o capitão André de Góes.

— Quem se não compadeceria, atalhou o padre.

— Pelo mesmo tempo teve o capitão André uma filha, á qual poz nome de Julia. Amanentou-nos por muitas vezes o mesmo leite, embalou-nos o mesmo berço, e juntos crescemos como dous arbustos, cujas raizes se tocam, cujos ramos se apoiam e se estrelaçam; que vicejam com o mesmo orvalho, com o mesmo sorriso do sol, com o mesmo amor. Trocavamos o doce nome de irmão; estavamos sempre um ao lado do outro; juntos corriamos pelo valle como dous tenros cordeirinhos; juntos vagavamos pelas margens do rio ameno; ás vezes absortos em pensamentos vagos e deliciosos. Depois desses brincos innocentes lá iamos sentar-nos sobre a relva mimosa de baixo do gigantesco e frondoso cedro de Carembehy. Alli muitas vezes eu adormecia com a cabeça reclinada sobre o seu peito. Outras vezes era ella que dormitava no meu collo. Entre o perfume das flores e a candura dos sorrisos da innocencia, chegámos á idade de sete annos.

— E queixastes-vos da dureza da sorte! atalhou o padre Gaspar.

— Esperae! disse o manço. Em uma bella manhã passeavamos pelo quintal, e chegando a um pé de jasmin, apanhei algumas flores e colloquei-as entre os cabellos de Julia em fôrma de grinalda. Satisfeito da minha propria obra, contemplando com enthusiasmo o bello effeito que fazia essa grinalda argentina entre os fios d'ouro que o brando sopro do zephyro agitava, exclamei com a vivacidade de uma criança:

— Como és linda, minha irmã!

— Deveras? perguntou ella, sorrindo.

— Sim: tu és a mais linda de todas as meninas.

— Pois fico bem contente de me achares bonita.

Dizei-me uma cousa, Augusto.

— Qual é?

— Os irmãos podem se casar?

— Podem.

— Então porque não nos casamos?

— Pois casemo-nos.

Então as nossas mãos se tocaram, nossos braços se entrelaçaram, nossos peitos se uniram anhelantes...

— Augusto! Augusto! bradou uma voz um pouco distante.

Ao ouvir essa voz, nós estremeçemos como esses tenros e debeis caniços que se debruçam gemendo nas margens dos lagos.

— E' papae que te chama, disse Julia sobresaltada, apertando-me ainda mais contra o seu peito.

— Sinto um encanto inexprimivel ouvindo a narração ingenua desse amor de duas crianças, tão puro como a innocencia, inspirado pela natureza e approvedo pelo céu, disse o padre Gaspar, procurando insinuar-se cada vez mais no espirito do mancebo.

— Vós me acoroçoes com palavras animadoras. O céu vos escute!

— Elle ha de escutar-vos.

## VII

Continuou Augusto a sua narração interrompida.

— Dirigindo-nos para casa, encontrámos o capitão André, o qual ordenou que me apromptasse para acompanhal-o á fazenda de Araçariguama. Julia e eu pedimos com instancia, com rogos e com lagrimas que não nos separassem e que, ou deixasse de ir, ou ella fosse commigo. Mas a voz imperiosa do capitão André poz termo a essa scena dolorosa: agarraram-me, puzeram-me á força a cavallo, e parti com o capitão André, dando gritos de desesperação.

Julia ficou soluçando, chorando e estendendo para mim os seus bracinhos como quem protestava contra a violencia e tyrannia de seu pae.

Chegado á fazenda de Araçariguama, fui apresentado a um homem vestido com esmero e elegancia, de

porte nobre e magestoso, olhos negros, semblante moreno, insinuante e expressivo, no qual todavia ressaltavam alguns traços de uma profunda melancolia, que elle procurava esconder nas dobras dessa dīstincta polidez que o fazia tão notavel e que desafiou a admiração do reverendo Manuel de Sá, patriarcha da Ethiopia, que veiu da India só para visitar e conhecer esse paulista illustre, cujo nome a fama havia levado além dos mares. Esse homem era o dr. Guilherme Pompeu de Almeida.

Quando o capitão André teve de retirar-se, agarrei-me ás suas pernas e fiz um espalhafato capaz de abrandar as pedras; mas os meus rogos, o meu pranto e os meus soluços não o demoveram do barbaro proposito de separar-me da minha querida maninha. Elle partiu.

Com outros muitos meninos que moravam na fazenda de Araçariguama, comecei no dia seguinte a aprender as primeiras letras. O padre Hyeronimo de Moura, que estudou e tomou ordens sacras no Rio de Janeiro a expensas do dr. Guilherme, era o professor da escola, a qual era destinada para os engeitados, os meninos indigentes, os orphãos desvalidos, os filhos dos indigenas e de alguns amigos do dr. Guilherme, que fazia á sua custa toda a despeza dos collegiaes.

De quando em quando o capitão André vinha ver-me e informar-se da minha conducta. Eu corria ao seu encontro e pedia-lhe novas da minha interessante maninha, cuja lembrança me acompanhava por toda a parte.

Minha constante applicação ao estudo, minha morigeración attrahiram as sympathias do dr. Guilherme, e, concluidos os estudos primarios, elle mesmo começou a leccionar-me nos secundarios. Ensinou-me as linguas latina, espanhola e franceza, de que elle tinha perfeito conhecimento; abriu a minha intelligencia os ricos thesouros da philosophia e franqueou-me os seus livros, com os quaes passei horas inteiras engolfado na leitura dos bons autores que enriqueciam as estantes da melhor bibliotheca desta capitania.

Com o correr dos annos, preocupado com a leitura dos meus estudos, foi pouco a pouco arrefecendo a lembrança da interessante companheira da minha infancia, que só de quando em quando me visitava nos meus sonhos com as formas vagas de um passado remoto, que já não tinha grande poder para fazer estremecer o meu coração. Demais, as visitas do capitão André foram-se tornando menos frequentes, e finalmente, nessas raras occasiões em que nos encontravamos, já só por costume lhe perguntava eu pela minha irmã.

Tendo concluido os meus estudos, o dr. Guilherme resolveu mandar-me com um reforço de gente e armas ás minas Cataquás, onde se achava o seu socio o capitão Paulo de Barros Silva.

Ah! exclamou o padre Gaspar, e fostes reunir-vos a esse homem ambicioso, que, não contente de haver accumulado grandes riquezas nas minas de Cataquás á custa do dr. Guilherme, ousou querer manchar a reputação illibada do nosso veneravel protector e amigo, pretendendo arrancar-nos o rico espolio que elle deixou á nossa pobre ordem como futil e inveridico pretexto de ser genro do illmo. bispo dr. Guilherme, quando é geralmente sabido que sua illustrissima nunca teve filhos, e falleceu com santo perfume de castidade, como attestaram os meus reverendos irmãos, que o visitaram depois de morto?

— Não sei si o capitão Paulo tinha direito a essa herança, mas o que sei é que, apesar da muito respeitavel opinião dos reverendos jesuitas, é elle casado com d. Ignez de Lima, que se criou em casa do capitão-mór Rodrigo Bicudo Chassim, e que o proprio dr. Guilherme reconhecia como filha...

— Calai-vos! nem mais uma palavra a este respeito! interrompeu o jesuita com vivacidade. Desconhecer os direitos inconcusos que a santa ordem de Jesus tinha e tem sobre a herança do dr. Guilherme é fazer uma grave injuria ao character recto e justiceiro do juiz dos residuos,

o sabio dr. André Baruil, que nos manteve na posse dessa herança; é commetter um peccado que brada aos céos, contra o qual somos obrigadós a fulminar as mais severas penas de excommunhão. Guardai-vos, pois, de manifestar tão criminosa opinião em presença de qualquer outra pessoa e reatae o fio da vossa historia.

Augusto de Lara abaixou a cabeça, não tanto em signal de obediencia á recommendação do jesuita, como para disfarçar um sorriso imperceptivel que lhe sulcou os labios desdenhosos; e, alçando a cabeça, depois de um instante, continuou:

— Enquanto se faziam os preparativos para a minha viagem ás minas de Cataquás, chegou a esta fazenda o reverendo padre mestre Athanasio do Coração de Jesus. .

— Um dos mais brilhantes pharões de sabedoria, o Salomão da companhia de Jesus, que contava tantos cabellos brancos quantas eram as suas virtudes evangelicas! atalhou o padre Gaspar com enthusiasmo.

— Bem o sei! respondeu o mancebo, dando á sua voz um accento particular. O padre Athanasio se apresentou com duas cartas, uma do illmo. bispo do Rio de Janeiro, d. Francisco de S. Hyeronimo, e outra do reitor dos jesuitas de S. Paulo, o reverendo Raphael Machado, que elevavam as suas eminentes virtudes á altura da santidade.

No dia que chegou teve uma larga conferencia com o dr. Guilherme, a quem ouviu de confissão no seguinte. Tres dias demorou-se elle nesta fazenda, durante os quaes o dr. Guilherme o surprehendeu muitas vezes no seu aposento, de joelhos e resando com fervorosa devoção.

— Já vêdes que elle era a propria virtude, disse o padre Gaspar com desvanecimento.

— Era mais que a propria virtude, respondeu Augusto, era a santidade mesma! Jejuou a pão e agua nesses tres dias, e entregou-se ás mais austeras penitencias, como era seu costume, segundo dizia e mostrava. Assentava-se

a opulenta mesa do dr. Guilherme para fazer desejos, mas não os satisfazia.

— Que santo homem, exclamou o jesuita.

— Verdade é, porém, disse Augusto de Lara com malignidade, que enquanto elle se entretinha nas suas conferencias com o dr. Guilherme, um menino engeitado que aqui morava, e que tinha o nome do nosso illustre protector, teve a curiosidade de ir ao aposento do reverendo padre mestre e examinou a sua saccola.

— E que achou? perguntou o jesuita, franzindo o sobr'olho.

— Um pedaço de queijo flamengo, pães, grossas nacas de presunto, alguns paos e uma borracha de vinho.

— Isso era para dar de esmola aos pobres que encontrasse na sua viagem e que tivessem fome e sêde.

Assim o creio; mas o malicioso menino ousou ainda affirmar que em outra occasião, espiando pela greta da fechadura, viu o reverendo padre mestre devorando uma naca de presunto com pão, e depois levar á bocca o gargalo da borracha . .

Está no inferno esse menino calumniador! bradou o jesuita.

— Pôde ser que o menino se enganasse, e que o padre mestre Athanasió, movesse os queixos como quem comia, mas sem comer, e que fingisse beber o vinho, mas sem bebel-o: tudo para fazer maior penitencia.

— Continue, disse o padre Gaspar, mordendo os beiços.

— Ao terceiro dia o padre mestre recebeu do dr. Guilherme 500 oitavas de ouro para dizer missas por sua tenção, fez oração na igreja de Nossa Senhora da Conceição e partiu, levando ao hombro a sua saccola, menos pesada, menos bojuda.

— E' que o menino Guilherme furtou dos pobres o que ella contém para elles, e o padre-mestre Coração de Jesus calou-se por sua modestia, por sua virtude.

— E' provavel que assim fosse.

Desde a partida do veneravel padre Athanasio notou-se que o dr. Guilherme se entregou a uma tristeza profunda e fez uma inversão completa nos seus usos, nos seus habitos. Mandou soltar ao campo os vinte fogosos ginetes que conservava nas estribarias; distribuiu por alguns amigos os galgos descendentes do casal que trouxe da Bahia e que era da raça mais pura do Cabo da Boa-Esperança; substituiu a sumptuosidade da sua mesa pela frugalidade e simplicidade; não sahia nem para passear, nem para caçar; não recebia visitas; substituiu os seus vestidos de seda por uma roupa de grossa calamania; mandou sobrestar os preparativos para a minha viagem ás minas de Cataquás; passava dias e noites na bibliotheca, rezando o seu breviario, ou lendo o *Mestre da vida* ou o *Flos Sanctorum*.

— Eis ahi, disse o padre Gaspar, os beneficos resultados das conferencias com o padre-mestre Athanasio. O dr. Guilherme ouviu as palavras do servo do senhor e deixou todas as suas affeições mundanas para se entregar a Deus.

— Assim parece. Oito dias depois da partida do padre-mestre voltou elle com a competente saccola.

— Para dar a comer aos pobres, observou o padre Gaspar, que não podia deixar passar despercebida qualquer insinuação contra a frugalidade do seu virtuoso irmão, que, mais sabio do que Pithagoras, só comia pão e só bebia agua.

— Mas, de certo, não encontrou no seu trajecto os pobres famintos, porque a saccola ainda não tinha soffrido o desfalque da pesada carga que o astuto Esopo carregou sobre os hombros.

O jesuita, mordendo de novo os beiços com despeito, disse:

— Que houve depois da chegada do padre mestre?

— Seguiram-se as conferencias com o dr. Guilherme, a confissão geral deste, as penitencias e os jejuns de pão e agua do padre-mestre e, finalmente, a sua retirada

da, deixando o pobre dr. Guilherme mais misanthropo ainda e mais acabrunhado de tristeza.

— Dizei antes, mais longe da terra e mais proximo do céu.

— Na quarta ou quinta visita periodica que o reverendo Coração de Jesus fez ao dr. Guilherme, deixou-o prostrado de cama; isto é, mais longe da terra e mais proximo do céu, conforme a bella expressão de vossa reverencia.

— Vamos adiante, disse o jesuita, picado pela ironia do mancebo.

— Desta vez o padre-mestre não voltou para S. Paulo, mas dirigiu-se a toda a brida para Sorocaba afim de trazer o cirurgião-mór João Saraiva para acompanhar o dr. Guilherme, a quem o padre mestre havia resolvido a seguir para o collegio dos jesuitas de S. Paulo, afim de ser tratado alli da grave enfermidade de que se achava acommettido.

Nesse mesmo dia os incommodos do dr. Guilherme tomaram um character assustador; e elle, chamando-me ao seu aposento, ordenou-me que o transportasse immediatamente para S. Paulo. Pouco depois fil-o entrar em uma liteira e acompanhei-o até a Parnahyba, onde fizemos pouso. O dr. Guilherme sentiu-se tão extenuado de forças que resolveu descançar alli um ou dois dias.

## VIII

A noticia da enfermidade do dr. Guilherme se havia espalhado em S. Paulo com rapidez electrica. No dia seguinte, ás 9 horas da manhã, chegou o reitor dos jesuitas, o padre Raphael Machado, e foi introduzido na camara do enfermo. Cinco minutos depois chegou tambem o padre mestre frei Luiz dos Anjos, guardião de S. Francisco, que, com equal sóffreguidão, se introduziu na camara do dr. Guilherme. A's 10 horas chegaram

diferença de minutos, o prior do Carmo, frei Francisco Paes da Purificação, e o padre-mestre prégador geral e presidente do convento de S. Bento, frei Joseph de Jesus, que foram pressurosos reunir-se aos outros dous reverendos.

Parece que as quatro potencias ali reunidas se estórvavam mutuamente, porque nos seus olhares scintilantes se lia com facilidade o desejo que tinha cada um de ficar só, sem duvida para collocar o illustre enfermo mais longe da terra e mais proximo do céu.

— Prosegui; mas basta que relateis os factos descarnados e sem commentarios, disse o padre Gaspar, mordendo de novo os beiços.

— Sim, reverendo.

A's 10  $\frac{1}{2}$  horas chegaram o padre-mestrê Athanasio e o cirurgião-mór Saraiva. O padre-mestre penetrou sem cerimonia, como conhecido velho, no aposento do enfermo. O reverendo recém-chegado trocou um olhar significativo com o reitor dos jesuitas. O guardião de S. Francisco, o prior do Carmo e o presidente de S. Bento tambem trocaram um olhar que dizia...

— Que dizia?..

— Vossa reverencia já me observou que queria ouvir os factos descarnados.

— Sim, mas referi sempre o que diziam esses olhares.

— Diziam: tudo está perdido!

— Sois muito malicioso, mancebo!

— Foi vossa reverencia que me obrigou a manifestar este pensamento.

— Sim, porque adivinhei-o, mas continue.

— No mesmo instante o criado particular do dr. Guilherme veiu annunciar que tinha chegado uma carta de Roma.

— De Roma? exclamou o dr. Guilherme, acordando sobresaltado da sua madorna, abrindo os olhos coruscantes e erguendo-se sobre os cotovelos com uma presteza e

força que pareciam incompatíveis com a completa prostração em que elle se achava. De Roma? Dae-m'a.

Eu entreguei nas mãos tremulas do dr. Guilherme a carta, que havia passado das mãos do portador para as do criado e das deste para as minhas. O dr. Guilherme proseguiu:

Encosta-me, Augusto, e vós, padre mestre Athanasio, rogae aos nossos reverendos irmãos que nos deixem por alguns instantes.

As quatro potencias da egreja se retiravam, um com a fronte erguida, e tres cabisbaixos.

— Padre mestre, sente-se aqui bem perto de mim e leia-me esta carta.

O padre Athanasio sentou-se na borda da cama, quebrou o sello da carta e leu:

Illmo. e revmo. sr. dr. Guilherme Pompêo de Almeida.

“Roma, 4 de setembro de 1712.

“Reuniu-se hoje o soberano conclave para resolver sobre a petição de vossa illustrissima.

— Vossa illustrissima! exclamou o dr. Guilherme. Não tenho esse tratamento, que só é dado aos bispos. Que quer dizer isto? Continuae, continuae.

O padre mestre Athanasio continuou a ler:

“O cardeal Capelli, com essa admiravel eloquencia com que tantas vezes tem abalado as abobadas sagradas do Vaticano, advogou com enthusiasmo a causa de vossa illustrissima; demonstrou que o celibato era contrario á natureza e ás leis divinas e, prevalecendo-se do precedente creado pela concessão outorgada ao cardeal D. Henrique, de Portugal, concluiu propondo:

Que se acceitasse a renuncia que vossa illustrissima fez de presbytero da ordem de S. Pedro, visto ter jurado que o tomou não por vocação, mas violentado pelo respeito e obediencia devidos a sua mãe, hoje fallecida.

“Que fosse concedida a licença que vossa illustrissima ma impetrava para poder casar-se.”

O dr. Guilherme estremeceu.

O padre Athanasio proseguiu:

“A maioria dos cardeaes adheriu á opinião do cardeal Capelli.

— Muito bem! lêde, lêde com toda a pressa, disse o dr. Guilherme.

“O papa Clemente XI, arrastado pela argumentação vigorosa de Capelli, manifestou a sua adhesão em energicas interrupções.

— Melhor! melhor! exclamou o enfermo.

“No entanto, contra toda a expectação, o papa mudou de opinião, e o soberano conclave resolveu afinal:

“Que se indeferisse a petição de vossa illustrissima, visto não haver a mesma razão de Estado que se deu para se conceder egual graça ao cardeal D. Henrique.

— Ah! bradou o enfermo com raiva, é porque não tenho uma corôa!

O padre mestre proseguiu a leitura:

“Que vossa illustrissima fosse agraciado com o título de bispo missionario.

“O cardeal Capelli é de opinião que com mais um milhão de cruzados se poderá obter ainda a graça que vossa illustrissima deseja.

“Peço suas ordens a este respeito.

“Sou, etc.

“ROQUE MONTEIRO PAIM”

— Vil, estúpido e miseravel emissario! exclamou o dr. Guilherme com voz sonora e vibrante e endireitando o corpo. Reduzir uma questão de tão alta magnitude, uma questão de vida e de morte, á mesquinhez das cifras! O que é um milhão de cruzados? Não lhes disse uma e mil vezes que me não importava com o preço dessa graça? Além de quinhentos mil cruzados que lhe entreguei em barras de ouro, não o autorizei para gastar as

trinta arrobas desse metal que tenho em Roma no poder do padre Manuel Braga e de João Ribeiro? Não lhe dei ordem franca para sacar illimitadamente sobre as casas de Santos Mendes Maciel, Antonio Corrêa e Manuel Francisco de Lima, meus correspondentes de Lisboa e do Porto? Imbecil! Que fez Manuel Pires Rebouças, inquisidor da Bahia? Que fez João Nunes Xavier, secretario do santo officio de Lisboa? Que fizeram tantos outros que me embairam com promessas pomposas? Traidores! miseraveis!..

Uma espuma sangrenta borbulhou nas extremidades da boca do enfermo, e elle se interrompeu, suffocado pela raiva que lhe minava o peito.

— Ah! exclamou o padre-mestre Athanasio, porque vossa illustrissima me não revelou ha mais tempo essa pretensão tão justa e tão legitima? Mas não importa: tudo conseguiremos. Ahí está o doutor cirurgião mór Saraiva, que curará a vossa illustrissima, e immediatamente eu seguirei para Roma, afim de obter a graça que acaba de lhe ser negada com injustiça notoria. O geral da companhia de Jesus tem a curia romana fechada nas mãos. O proprio pontifice o teme e o respeita. Será elle o nosso empenho, e podemos de antemão assegurar-vos que tudo alcançaremos. Um futuro de esperanças se abre deante de vós.

Sim; respondeu o enfermo com voz sepulcral. O futuro d'além tumulo! Se em logar dessas letras pontificias, que me elevaram ao bispado, viesse a autorização que eu desejava; si eu podesse dizer ao mundo; eis a mãe de minha filha... si eu podesse apertal-a uma só vez contra o meu peito, o sangue que se condensa em minhas veias correria com força nova e vitalidade, e este coração que se extingue estremeceria de prazer como outr'ora... Mas agora é tarde, porque o gelo da morte me invade o coração... Padre! ouvi-me de confissão e apressae-vos a ministrar-me todos os sacramentos.

Eu retirei-me para a ante-camara e alli fiquei para acudir ao primeiro chamado. Dahi a meia hora o padre Athanasio, afastando o reposteiro, deu ordem a um criado para ir chamar ao reverendo reitor; porém, no mesmo instante appareceu elle. O padre Athanasio disse-lhe duas palavras ao ouvido, voltou para a cabeceira do enfermo, e o reverendo reitor sahi precipitadamente pela rua de S. Bento, voltando alguns instantes depois para casa acompanhado do tabellião Euquerio de Aguiar Mendonça.

O padre-mestre Athanasio foi ao encontro do tabellião no reposteiro, apertou-lhe a mão e escorregou-lhe um embrulho de moedas de ouro.

— Enganastes-vos, disse o padre Gaspar, não houve sinão o aperto de mão.

Augusto de Lara proseguiu sem dar attenção á observação negativa do jesuita:

— O tabellião não deu nenhuma resposta, porém metteu a mão no bolso do gibão como para refrescal-a do contacto metallico da mão do padre Athanasio.

— Um mero acaso, disse ainda o jesuita, querendo protestar contra a illação que se podia tirar das palavras do mancebo.

— Talvez. O tabellião, depois do mero acaso, segundo affirma vossa reverencia, entrou com o padre Athanasio para o aposento do enfermo, e, passada meia hora, o reverendo reitor foi advertido que chamasse cinco testemunhas para a approvação de um testamento.

Concluida a cerimonia judicial, o padre Athanasio ficou ao lado do enfermo, emquanto o reverendo reitor foi á matriz para trazer o sagrado Viatico. Toda a villa acompanhou esta augusta cerimonia.

Depois disto entrou o cirurgião-mór Saraiva, deitou uns pós brancos em um copo com duas colheres de agua, e deu o seu conteúdo ao enfermo, que, passados alguns minutos, queixou-se que tinha o peito e as regiões abdominaes abrazadas, como se tivesse engolido ferro em

braza, e sentia dôres horriveis no estomago e nos intestinos.

No meio dos seus dolorosos gemidos exclamou: "Maria!... vou esperar-te no céu e lá nos casaremos à face do Eterno!..." E, finalmente, contrahiram-se-lhe as feições, annuviaram-se-lhe os olhos, e o meu amigo, suspirando ainda uma vez o doce nome de Maria, entregou a alma ao creador!

## IX

Augusto de Lara, depois de enxugar as lágrimas que lhe rebentaram dos olhos, proseguiu:

— O dobre lugubre e compassado dos sinos da matriz e do mosteiro de S. Bento annunciou o passamento infausto do mais illustre filho da terra abençoada de Tityriçá. O juiz ordinario, os vereadores da camara, o procurador do conselho e todo o povo da villa affluiram em tropel para a casa do egregio finado.

O dr. André Barnil, syndico das esmolas dos Santos Logares de Jerusalém, juiz dos residuos e casamentos e vigario da vara ecclesiastica, tambem compareceu alli. O tabellião apresentou-lhe respeitosaente o testamento do veneravel bispo. O juiz dos residuos quebrou o fecho de lacre encarnado ainda tepido e passou os olhos ligeiramente pelo testamento. Todos os assistentes pendiam dos labios do dr. André Baruil, todos faziam mil conjecturas, todos procuravam adivinhar quem seria o feliz herdeiro das immensas riquezas do grande bispo, e o dr. Baruil, tendo concluido a leitura do testamento, poz termo á geral anciedade, dizendo no meio de profundo silencio: "O illmo. bispo missionario, rev. dr. Guilherme, que Deus haja, nomeou para seu testamenteiro ao reitor o rev. padre mestre Raphael Machado e instituiu por seu herdeiro universal a companhia de Jesus" Ouviu-se um murmurio de quasi todos os assistentes.

— Era um murmurio de approvação, disse o padre Gaspar do Santo Sepulcro.

— Outros tomaram em diverso sentido; mas, deixando isso de parte e fazendo justiça á companhia de Jesus, apraz-me de memorar que ella fez ao inçlyto finado o mais pomposo funeral de que ha noticia.

— E' assim que testemunhamos a nossa gratidão aos nossos bemfeitores, disse o padre Gaspar.

— Collocado o cadaver em um caixão coberto de velludo preto, disse, continuando, o narrador, seguiu para S. Paulo carregado pelos capitães-móres Paulo Dias Paes, Pedro Taques de Almeida e Paulo Frasão de Brito, pelo sargento-mór Manuel de Moraes e Siqueira, pelos capitães Lourenço Castanho Taques, o moço, Manuel Dias Rodrigues, Antonio Castanho da Silva e outros muitos parentes de sua illustrissima. Os jesuitas, os frades Benetos, Carmelitas e Franciscanos e immenso povo, acompanharam o sahimento com tochas accesas desde a Parnahyba até S. Paulo. Depois de magnificas exequias foi sepultado o benemerito paulista na igreja do Collegio, junto do altar de S. Francisco Xavier, abrindo-se sobre a lagea da sepultura este merecido epitaphio: — *Hoc jacet in tumulo Guilhelmus Presbiter, auro, et genere, et magno nomine Pompeius.*

Augusto de Lara, torturado pela dolorosa reminiscencia dos factos que acabava de referir, reclinou a fronte angustiada sobre a mão direita e se entregou por alguns momentos a uma tristeza profunda. O padre Gaspar respeitou essa dôr intima e silenciosa, que era uma sincera homenagem que o coração grato do mancebo rendia á memoria do grande Paulista. Emfim o joven Lara ergueu a cabeça e proseguiu com voz tremula de emoção:

— Derramei uma lagrima sentida sobre a fria campã do meu mestre, do meu amigo, do protector da humanidade desvalida; e, não tendo apoio algum neste mundo, dirigi-me para o logar do meu nascimento, sem designio, sem saber mesmo o que faria.

Ao chegar ao valle de Carembely, reconhecendo os logares marcados pelos passos da minha infancia, senti uma saudade indefinivel desses bellos tempos em que gosamos os prazeres mais puros e mais innocentes, porque ainda não conhecemos, nem sondamos o abysmo da vida que se abre deante de nós. Sopesei as redeas do meu cavallo para fruir toda a embriaguez do momento, todas as emoções que se acordavam em meu coração como um eco longinquo e que pouco e pouco se aproxima de nós. Depois, avistando uma casa em pequena distancia, dirigi-me para ella.

Apeei-me junto da cancella, e, penetrando a pé no terreiro, entrevi ao pallido clarão da lua, reclinado sobre o parapeito do vestibulo, um vulto que trajava vestido de nuvens brancas, e fluctuantes, symbolo da candura, e que nas suas fórmas vaporosas mais pareciam um anjo de innocencia que baixara do céu em um raio da lua, do que um habitante da terra.

A lua, como que desejando duplicar o encanto desta situação embriagante, projectou neste momento os seus mais fulgidos raios sobre esse vulto mysterioso e fascinador. Foi então que eu distíngui um rosto de fórmas seductoras, reclinado sobre a mão mimosa, em attitude contemplativa, e seus bellos olhos fitos no céu com a expressão da mais terna melancholia.

Seus cabellos louros ondulavam negligentes e graciosos sobre os hombros de alabastro ao capricho da tepida aragem da noite, que sussurrava tão meiga como o timido suspiro da virgem que sonha com o seu primeiro amor.

Electrizado pela magica e poetica belleza deste anjo, exclamei involuntariamente com suprema emoção: Julia! A esta exclamação, despertando do seu aureo scismar, ella estremeceu como a pluma flexivel do chorão; e deslisando-se como uma sombra, desappareceu aos meus olhos, qual uma dessas bellas visões dos contos de

Mil e Uma Noites, mal entrevista em sonho que se extingue. Acalmada a violenta agitação de meu peito, bradei:

— O' de casa!

— Quem é? perguntou uma voz de accento rude, que partia de um vulto encoberto na parte mais sombria do alpendre.

— Sou Augusto de Lara.

Mal pronunciei este nome, uma velha saltou-me ao pescoço, exclamando, meio suffocada:

— Meu filho!... ha tanto tempo que o não vejo! Que prazer não terá Julia de abraçar o seu querido irmão! Vou dar parte ao capitão André..

E, cingindo-me ainda uma vez os braços descarnados em torno ao pescoço, correu para dentro. A boa velha que me tratava com tanto amor e carinho era Isabel Malaia, da tribu de Guayanaz, que havia sido minha ama de leite e algumas vezes de Julia, que era mais frequentemente amamentada por sua mãe, que fallecera havia três ou quatro annos.

O capitão André veiu receber-me com acõlhimento paternal, recolheu-me para a sala, onde conversámos largamente sobre a morte do veneravel bispo missionario. Depois da ceia nos separámos para os quartos de dormir, sem que uma só vez reaparecesse ante meus olhos a visão fugitiva do vestibulo, tão avidamente desejada. Mas, ao deitar-me, não podendo explicar a razão por que Julia nem ao menos veiu cumprimentar-me, para mitigar este sentimento, parodiando a minha velha mamãe, disse: Que prazer não terá Julia de abraçar o seu querido irmão!..

No dia seguinte o capitão André disse-me que, quanto eu ainda não tivesse attingido a maioridade, todavia, confiando na minha aptidão, ia entregar-me a minha pequena herança. Effectivamente levando-me para a casa em que meus paes habitaram, entregou-me os poucos bens que elles me deixaram, e que consistiam em um pequeno sitio e terras, um casal de escravos já ve-

lhos, sete indígenas administrados e algumas cabeças de rezes.

Passados alguns dias, fui a uma caçada de veados com o capitão André, e, correndo a galope, afim de ganhar um lugar por onde costumava passar o veado que já se tinha levantado, o meu cavallo rodou por um desfiladeiro, envolvendo-me na sua queda. Quando dei accordo de mim, achei-me em um quarto desconhecido e procurei reconhecer as pessoas que me faziam companhia. Junto da cabeceira estava assentado o capitão André de Góes com semblante afflicto e pensativo. Aos pés da cama se achava a minha velha mamãe, mostrando no rosto bronzeado o vivo sentimento que se havia apoderado do seu coração quasi maternal. Uma joven enfermeira se inclinava sobre o leito, banhando-me a perna esquerda com uma mistura de camphora alcoolica. Apesar das dores horribes que sentia na perna esquerda, que se achava fracturada, reconheci na minha enfermeira a bella visão do alpendre; contemplei com deliciosa emoção esse semblante angelico, que exprimia o mais terno interesse, a mais funda melancholia e vi rolar de seus olhos uma lagrima silenciosa e pura como o orvalho da manhã que treme nas petalas assetinadas de perfumada flor. No meio dessas dores crueis que me torturavam, creio-eis, meu padre, que me desvaneci de haver soffrido esse sinistro e que bendisse á Providencia por me haver concedido aquelle supplicio, que me approximava da terna companheira da minha infancia.

— Oh! si o creio! respondeu o padre Gaspar com sorriso de complacente bondade.

— Foi então que eu concordei com aquelle philosofo da antiguidade, que dizia no estoicismo do seu coração — que a dôr não é o maior dos males.

— Comtudo que essa dôr seja mitigada pela presença de uma enfermeira moça, bella e amada, disse o jesuita com sorriso ainda mais doce.

— E' verdade que o philosopho não teve razão de esquecer-se dessa circumstancia attenuante e indispensavel.

Quando me achei restabelecido, tive profundo pesar de se não ter prolongado por mais tempo o meu incommodo e tive até desejos de fracturar a outra perna.

— Bém insensato era esse desejo, meu filho! Como é insondavel o abysmo do coração humano!

— Nas vespera de minha volta para casa, Julia e eu renovámos os juramentos da nossa infancia, e nos promettemos eterno amor e fidelidade. A boa Isabel, companheira inseparavel de Julia, chorando de prazer como nós, abençoou o nosso amor. Desde então o tempo correu para mim longo e breve, triste e prazenteiro, mesclado de desalento e de doces esperanças; longo e triste, quando passava longe della; breve, prazenteiro e esperançoso, quando me achava aq seu lado.

— E' facil adivinhar essas mutações atmosphericas no céu dos amantes, ora sereno e anilado, ora negro e tempestuoso, disse o jesuita.

— Depois de elaborar, discutir, approvar e rejeitar mil projectos; depois de mil ares de hesitações, resolvi-me a ir pedir a mão de Julia.

Chegando á casa do capitão André, veiu elle ao meu encontro, e disse-me:

— Augusto, estou hoje desatinado por um grande sentimento.

— Pois aconteceu-lhe alguma desgraça?

— Sim, Augusto, e muito grande. Sabeis o immenso apreço que eu faço daquelle famoso galgo que me deu o dr. Guilherme pouco antes da sua morte. Pois bem, passou hoje por aqui um cão damnado e o mordeu. Agora, nem tenho animo de o ver damnado, nem de mandar matal-o.

— Muito estimo ter vindo nesta occasião, porque sei um remedio infallivel para preservar o seu lindo galgo de hydrophobia.

— Deveras? Qual é esse remedio infallivel?

— É um remedio de que usava o dr. Guilherme e que todo o mundo devia saber, porque é um preservativo de infallivel efficacia, tanto para a especie humana como para os quadrupedes.

— Então fazei-o depressa.

— Preciso de algumas plantas mui simples que se encontram talvez ainda nestes arrabaldes e que minha irmã tambem conhece.

Julia, que alli estava, respondeu que, si a guiasse, mostrar-me-ia ainda todas as plantas que nos divertiamos em colher na nossa infancia. Sahimos então, o capitão André, sua filha e eu, e em breve voltámos com hervas que preparei. Mandei então vir o galgo, que já se achava em uma corrente, com as orelhas cahidas, olhos afogueados e muito triste.

Vêde como está triste, disse o capitão André. Daqui a pouco ahi vem a baba, e ahi o temos damnado. No entanto dae o remedio.

Entornei o remedio pela bocca do galgo e tirei-lhe a corrente contra o voto do capitão André. Passados alguns minutos, o galgo começou a rabejar, seus olhos exprimiram algum contentamento, pouco depois, se poz a festejar seu amo e a mim, como, que me agradecendo o seu curativo.

— Está salvo! exclamou o capitão André, abraçando-me com enthusiastico prazer, e agradecendo-me tambem Julia este pequeno serviço com um olhar repassado de ternura e de melancholia.

Por delicadeza ou por falta de animo pareceu-me que a occasião não era opportuna para fazer a minha proposta, que podia ser considerada como a recompensa desse nada que eu achava de fazer a quem por duas vezes me salvou a vida. Deixei decorrer alguns dias e hontem tomei o expediente de escrever-lhe uma carta pedindo a mão de Julia. Uma hora depois recebi a resposta. Hesitei alguns momentos antes de abrir essa carta que encer-

rava o meu destino, a minha vida, ou a minha morte; que ia transportar-me ao céu, ou abysmar-me ao inferno, até que afinal, quebrando o fecho, li estas palavras horriveis, que me ficaram grãvadas no cerebro com caracteres de fogo: "Julia não pôde ser e nunca será a esposa do orpham de Carembehy". Meu padre! fazeis idéa do rugido do tigre que sente entranhar-se-lhe no coração a ponta de dura flecha despedida pela mão varonil do intrepido Guayanaz? Foi o meu rugido de desespero. Fazeis idéa das dores sobre-humanas que estortegaram a alma do rei das forças, quando trajou a tunica empestada no sangue da hydra Lernia, que lhe fôra offertada por Dejanira? Foram essas as dores moraes que me torturaram e me lançaram no mais horrivel de todos os desesperos!

— Pobre moço! exclamou o jesuita compungido.

— Luctando, acabrunhado, com essa desgraça que acabava de me ser fulminada com tanta crueldade, tomei uma resolução desesperada; tracei algumas linhas em um papel com direcção a Julia, recommendei a um dos meus indigenas que o entregasse á minha mamãe dalli a uma hora; carreguei uma pistola, fazendo a bucha dessa carta fatal; e proferindo pela ultima vez o doce nome de Julia, levei ao ouvido o bronze da morte.

O padre Gaspar estremeceu.

— Desgraçado! bradou a voz de uma mulher, que se precipitou para o meu lado com a rapidez do pensamento. Meu braço febricitante cahiu inerte, o instrumento da morte rolou no chão, e o ribombo de um tiro echoou pavoroso nas abobadas da casa da tristeza!

— Não estás ferido, meu filho? perguntou-me a boa mulher, examinando-me por todos os lados.

— Não, mamãe, respondi eu, todo confuso.

— Dou mil graças a Deus por chegar ainda a tempo de salvar-te. Ingrato! não te lembravas de Julia? Não te deteve o braço a certeza de que a matavas com tua morte?

— Não me accuseis, mamãe; era mesmo por ella que eu ia...

— Não falemos mais nisso; tem juizo e escuta-me.

— Falae, mamãe, que eu vos escuto.

— Julia manda dizer-te que não desesperes; que ella tem muita fé no amor de seu pae, e que á força de rogos e de lagrimas espera que elle mudará de resolução. A' vista disto já vês, meu filho, que era uma grande loucura essa que ias transformando todos os nossos planos.

— Pois bem, mamãe, dissei-lhe que... Um diluvio de lagrimas e soluços embargou-me a voz.

— Bem sei o que hei de dizer-lhe. Tranquiliza-te e tem esperança. Sinto não poder demorar-me para consolar-te. Adeus, meu filho!

Fiquei mergulhado na mais profunda tristeza. A carta fatal, cujos termos tinha gravados na memoria, tirava-me ainda o mais remoto vislumbre da esperança, e as minhas idéas se voltavam para o suicidio como unico porto de salvação e de descanso. Carreguei de novo a arma fatal e esperei com soffreguidão a ultima scena deste drama horroroso.

Hoje ao romper d'alva se apresentou em minha casa a minha boa mamãe. Pela expressão de sua physionomia adivinhei que vinha triste e preocupada.

— Já sei, mamãe, que me trazeis más novas.

Más por um lado, mas muito boas por outro.

Falae.

— Promettes ser discreto e ouvir-me com prudencia?

— Para que esses rodeios, mamãe? Não vedes que apesar de lér no vosso semblante novas desgraças, estou calmo e impassivel como um rochedo, porque toda a illusão que me dourava a existencia já se quebrou de encontro ao meu coração?

— Oh! não me fales assim, meu filho, disse ella, derramando copiosas lagrimas.

— Tranquilisae-vos, minha querida mamãe, e dissei-me a que vindes.

— Os rogos e o pranto de Julia não commoveram o capitão André.

— Eu o esperava, mamãe, respondi com calma e tranquilidade.

— E para cumulo de desgraça o capitão André declarou hontem á noite á sua filha que contractou casual-a..

— Com quem? bradei eu, levantando-me e quebrando a taboa, de uma meza com uma violenta punhada.

— Tranquiliza-te, meu filho!

— Com quem? repeti eu quasi em delirio. Fala, mensageira do inferno, ou te quebro a cabeça como quebrei esta mesa.

— Com o capitão Gonçalo Castanho Taques, respondeu ella toda tremula.

— Ah! exclamei com riso nervoso, com esse riso de desespero, com esse sorrir dos demonios. Com o capitão Gonçalo Castanho Taques! Está bem! é moço, bello e rico... é mais digno do que o pobre orpham de Carembehy! Está bem! Agradeço-vos o me haverdes suspendido o braço hontem, para me dardes hoje essa punhalada mais venenosa, mais mortifera! Obrigado, boa mamãe! Retirae-vos: eu vol-o peço.

— Escuta-me ainda por um pouco. Já dei as más novas, mas restam ainda as boas.

— Já não quero ver o reverso da medalha. Retirae-vos.

— Has de ouvir-me. Julia prefere a morte a esposar qualquer outro que não seja Augusto de Lara. Nas circumstancias desesperadas em que ella se acha, incumbi-me de te propôr que a esperes hoje, á meia-noite, junto do cedro de Carembehy, comtanto que dês a tua palavra de honra de a respeitar como a uma irmã, e de conduzi-la ao collegio de Araçariguama, para ahi a receberes á face dos altares, e seguir qualquer destino que te aprouver.

— Sim! Sim! voltae, correi, ide dizer-lhe que sim, mil vezes sim!

— Esperae. Ella não deseja que tomeis precipitadamente uma resolução desta ordem: pelo contrario, pede-vos que penseis bem sobre tão melindroso assumpto; e si reprovardes a sua proposta, ao pôr do sol levanteis no vosso terreiro uma bandeira negra; mas si approvaredes o plano que vos tracei, como ella o deseja ardentemente, fica entendido que a esperareis á meia-noite junto do cedro de Carembehy.

— Pois bem, minha boa, minha querida mamãe! Voltae para junto desse anjo; dizei-lhe que aprecio no mais alto grau a sua delicadeza de não exigir de mim uma resolução prompta e immediata; mas que infallivelmente a esperarei junto do cedro de Carembehy; dizei-lhe que a respeitarei como irmã, como divindade; dizei-lhe que este coração que definhava começa a palpitar cheio de vida e de esperança; dizei-lhe, finalmente, que eu lhe envio desta solidão o meu coração e a minha alma repassados de amor e de gratidão!

Eis ahi, meu padre, as dolorosas conjuncturas da mais crítica e angustiada situação! Devo eu raptar a filha do capitão André? Devo levar o opprobrio ao seio da familia do meu bemfeitor, do meu segundo pae, do homem a quem devo a vida duas vezes? Não! nesse caso, ao pôr do sol, no momento em que fluctuar no meu terreiro a bandeira negra, saudal-a-ei com um medonho estampido, que repercutirá aos ouvidos da tremula Julia, e um infeliz terminará nesse instante a sua dolorosa peregrinação sobre a terra!

— Meu Deus! removi tamanha desgraça! exclamou o jesuita, erguendo os olhos para o céu.

— Por outro lado, continuou Augusto, merece elle um tal sacrificio? Para que arrancou-me duas vezes das bordas da sepultura para agora assassinar-me milhões de vezes, sacrificando a um capricho vão a felicidade de sua filha e os mais puros affectos do meu coração? Oh! meu

padre! aconselhae-me nesta cruel angustia; guiae a minha vontade que vacilla... é com lagrimas que vol-o peço!.. Que? meu padre! meu amigo! tambem vós choraes?!

— E' com lagrimas, respondeu o padre Gaspar, esforçando-se por soluçar, é com lagrimas que me associo aos vossos infortunios; é com lagrimas que vos dou um testemunho irrefragavel dos meus sentimentos.

— Obrigado, meu padre! mil vezes obrigado! exclamou Augusto, apertando com força a mão do jesuita.

## XI

A esta scena tocante seguiu-se um lugubre silencio, apenas interrompido pelo pranto e pelos soluços do mancebo e do jesuita. Depois dessa triste expansão de lagrimas, Augusto de Lara, quebrando o silencio:

— Bem vejo, meu padre, disse elle, que as vossas lagrimas me dizem na sua linguagem eloquente, que vós mesmo não sabeis guiar-me neste escuro e horroroso labyrintho.

— Não, meu filho! choro porque me interesso por vós, choro porque comprehendo as crueis amarguras que vos pungem o coração; mas não tomeis o meu pranto como indicio de desanimo. Não; o humilde servo do Senhor, que tem fé viva no poder mysterioso e incomprehensivel do Ente Supremo, não desanima jámais deante de quaesquer difficuldades, quando se trata de fazer o bem. Tranquillizae-vos, pois, meu pobre amigo, e tende certeza de que, com o auxilio de Deus, em breve o sorriso do prazer virá enxugar as lagrimas da tristeza.

Augusto meneou a cabeça com incredulidade.

— Não duvideis, meu filho! Não sabeis que sou o confessor do capitão André? Que exerço grande e illimitada ascendencia sobre o seu espirito? Que muitas vezes tenho feito dobrar a sua vontade de ferro? Que posso fulminal-o com os raios da excommunhão? Que o respon-

sabilizando pela vossa morte, pela morte de sua própria filha, ameaçal-o-ei de denunciá-lo e de levá-lo á barra da inquisição do Santo Officio da Bahia?

— Ah! meu padre, não vos illudamos! tudo está perdido. Não sabeis que os verdadeiros paulistas preferem todas as torturas, preferem que se lhes arranquem os olhos em vida, preferem as fogueiras da inquisição a falar á sua palavra? Não sabeis que o capitão André de Goes é paulista — que deu sua palavra ao capitão Gonçalo Caslanho?

— Sei tudo isso, meu filho; mas sei apreciar melhor do que qualquer outro qual o grau da influencia que exerço sobre o capitão André. Sois ainda muito joven e inexperto para poder avaliar devidamente o poder da diplomacia dos jesuitas. Mas, concedendo mesmo que o capitão André se conserve inabalavel como um rochedo, inacessivel como a montanha gigantesca e pyramidal do Saboó e não preste ouvidos á boa razão, mesmo assim persisto na minha opinião.

— Porque?

Porque nesse caso, exgotados todos os recursos da persuasão, eu serei o primeiro a dizer-te: Mancebo! á meia-noite acha-te junto do cedro de Carembehy, apodera-te da tua Julia e conduze-a á capella do collegio; onde encontrarás um padre que abençoará o teu amor.

— E esse padre... exclamou o joven Lara, suffocado de prazer e sem poder concluir a phrase.

— Esse padre serei eu, respondeu o jesuita, comprehendendo o pensamento do mancebo.

— Quanto sois bom, meu amigo!

— Achareis dois cavallos á vossa espera; dar-vos-ei a minha bolsa e pedirei ao céu que guie os vossos passos e que vos inspire.

O moço beijou a mão do jesuita, que humedeceu com lagrimas de gratidão, e disse com extrema sensibilidade:

— Obrigado, meu padre! mil vezes obrigado! Não acceitarei sinão um cavallo, porque tenho outro; não acceitarei a vossa bolsa, porque ainda conservo intacta outra que devo á munificencia do dr. Guilherme. Mas, meu padre... já que sois tão bom, partamos: eu vol-o peço de joelhos.

— Pois quereis acompanhar-me? Seria isso uma re-matada imprudencia. Não: ficareis aqui até a minha volta. Eu o quero e vol-o ordeno.

— Pois bem, obedeço.

— E como não seria conveniente que se conservasse na minha cella um secular, que pôde desafiar a attenção de importunos curiosos que viriam incommodar-vos quando haveis mister de socego e solidão, guardae a vossa calça e jaqueta na gaveta daquella commoda, para que não sejam vistas, e tomai esta roupeta de estamemha, emquanto vou pedir licença ao rev. reitor para ir a Carem-behy.

O padre Gaspar cerrou sobre seus passos a porta da cella, e dirigiu-se para a do reitor.

Passaram-se alguns instantes. Quando o padre Gaspar voltou e empurrou a porta da sua cella, viu com os braços cruzados um jesuita, cuja cabeça pendia meditativa para uma mesa juncada de livros em desordem.

— Como vos diz bem essa roupeta, meu caro neophyto, disse elle, entrando.

— Ah! exclamou Augusto de Lara sobresaltado e com extrema vivacidade. Encontraste o capitão André? Que respondeu elle? Persuadistes-o? Desattendeu-vos? Mas... que riso é esse? Oh! estaes alegres, porque elle cedeu? Não é assim, meu padre? Falae, por compaixão...

— Não vos lembraes, meu joven companheiro, que fui á cella do rev. reitor, e que apenas têm decorrido alguns segundos depois que nos separámos?

— Ah! recordo-me agora! Mas parti, que a minha alma e o meu pensamento vos acompanham.

— Sim, meu amigo, eu parto, e em breve serei com-vosco. Tende fé e esperança.

O padre Gaspar desapareceu, cerrando a porta pela segunda vez sobre suas costas.

O improvisado jesuita, realizando este antigo adagio — que não é o habito que faz o monge — uma só vez não pensou como pensavam os jesuitas; porque, segundo havia promettido, a sua alma e o seu pensamento haviam acompanhado o padre Gaspar, e d'elle não havia ficado sinão um corpo inerte, sem sensação e quase sem vida, ou, para melhor dizer, em phrase moderna, um perfeito somnambulo, com a differença de ser elle mesmo o magnetizado e o magnetizador.

## XII

A's quatro horas da tarde o padre Gaspar do Santo Sepulcro assomou com semblante risonho no limiar da porta da cella que encerrava o pseudo-neophyto. Augusto de Lara, acordando do seu magnetismo, atirou-se ao encontro do reverendo e o suffocou com um turbilhão de perguntas. O verdadeiro jesuita, assentando-se em uma cadeira, disse com toda a fleugma:

— Si quereis saber todos os pormenores da minha missão diplomatica, escutae-me sem interromper-me com vossas incessantes e atordoadoras questões.

— Eu vos escuto com silencio e avido interesse.

O jesuita molhou a garganta com um copo do generoso vinho que estava sobre a mesa e, tomando a attitudede de um duque de Richelieu ou de um Talleyrand, começou o relatorio da sua missão diplomatica nos termos seguintes:

— Cheguei ao sitio de Carembehy. O capitão André recebeu-me com essa urbanidade que o caracteriza, com o prazer e, direi mesmo, com enthusiasmo que sóe testemunhar-me quando nos encontramos. Depois dos

cumprimentos do estylo e de conversarmos sobre diversas futilidades, perguntei-lhe si Julia estava doente, visto que não me apparecia como era seu costume.

— Está um pouco indisposta, respondeu-me o capitão André.

— E uma razão de mais para eu vel-a, porquê entendo um pouco de medicina.

O capitão André mandou chamal-a. Dahi a pouco appareceu uma moça bella como um anjo..

— Ah! era ella! exclamou Augusto, saltando na cadeira.

— Sim, era ella. Vinha vestida em desalinho; seus lindos cabellos ondulavam descuidosos ao sopro da brisa; seus olhos outr'ora tão bellos estavam orlados de negros cilios, humidos do pranto mal enxuto...

— Ah! ella chorava, meu padre? disse o joven amante, soluçando e tambem enxugando uma lagrima de emoção, que lhe rebentara dos olhos.

— Sim, ella chorava. Ao vel-a tão abatida, tão melancholica:

— Minha filha, disse-lhe eu, que é que tendes?

— Nada, sr. padre, respondeu ella com voz tremula.

— Debalde quereis illudir-me. Se o vosso corpo está são, vossa alma está enferma; e eu vos peço que me confieis as vossas afflicções para que eu as mitigue.

— Não é nada, respondeu por ella o capitão André. São tolices de meninas.

— Mas saibamõs de que genero são essas tolices.

— Eu vou contar-lhe, sr. padre. Contratei o casamento desta menina com o meu visinho e amigo — o capitão Gonçalo Castanho, que é um dos mais nobres e ricos cavalleiros destes arredores; porém, esta tolinha embirrou em querer casar-se com um orpham de nome Augusto, que se criou em minha casa, e que, apesar de ter boa educação e bom proceder, todavia é um rapazola sem eira nem beira. Ora, eu já a desenganei dessa tão desigual e louca pretensão, e eis ahi porque ella se mostra

tão magoada; isto é, porque eu quero fazer a sua felicidade.

— A felicidade! bulbuciou Julia a meia voz.

— Bem vêdes; disse eu a André de Góes em tom persuasivo, que Julia protesta com suas lagrimas eloquentes contra essa felicidade que lhe quereis impôr não como pae, mas como barbaro padrasto. Que! O homem que devia desvelar-se pela felicidade de sua unico filhu; que devia fazer por ella todos os sacrificios, constitue-se padrasto e verdugo e envenena o presente e o futuro de um anjo que o céu confiou á sua guarda! Desgruçado! não vêdes sumirem-se sob a lousa do tumulto a felicidade e o porvir de vossos dous filhos, porque Augusto de Lara tambem é vosso filho? Não recuais, não estremecereis ante a idéa horrorosa de serdes duas vezes assassino? Pae degenerado, que sacrificaes no vil interesse do ouro a sorte do ente que vos devia ser mais caro, não vêdes o inferno que se abre deante de vossos passos para tragar em suas fauces negras e medonhas o misero filicida?!

O capitão André curvou a fronte, como que fulminado por esta apostrophe. Julia agradecia os meus esforços com seus olhos lacrimosos.

— Meu padre! respondeu André de Góes com voz grave e erguendo a custo a cabeça abatida, vejo que fiz mal. Ah! si o céu invejoso tão cedo não arrebatasse de meus braços a minha boa e santa mulher, talvez que ella me tivesse aconselhado a tempo...

— E, mesmo lá do céu, redargui com vivacidade, ella vos amaldiçoa por fazerdes a desgraça da sua filha tão amada!

— Bem o mereço e bem o sinto!

Mas si vós mesmo sentis haver dado um passo inconsiderado, quem vos impede de retrocedel-o? Porque não remediaes um mal que tão facil é de se remediar?

— Porque não posso.

— E porque é que não podeis?

— Porque dei a minha palavra ao capitão Gonçalo, e porque um paulista prefere as maldições do céu e da terra, as torturas e as fogueiras da inquisição, as penas eternas do inferno, a faltar á sua palavra.

— Ah! exclamou Augusto com voz desfallecida, bem vol-o disse, meu padre!

— Ah! exclamei eu com horror, continuou o padre Gaspar. Ah! não quereis ouvir a voz de Deus que vos brada por meu orgam: "Salvae-vos!" Pois bem! intimo-vos para comparecerdes perante o inexoravel tribunal do santo officio da Bahia; emprazo o vosso corpo para as fogueiras da inquisição, e a vossa alma negra para comparecer dentro de tres mezes perante a barra do severo e tremendo juizo de Deus, severo e tremendo para os felicidas! (\*)

— Padre! acceito a condemnação e tudo arrostarei com a stoica inflexibilidade de um verdadeiro paulista. Ha só um meio de mudar a face desta horrivel situação, que eu deploro mais por minha filha do que por mim.

— E qual é esse meio?

— E' inutil.

— Embora! Eu vol-o ordeno em nome de Deus.

— Esse unico meio seria a desistencia formal e espontanea do capitão Gonçalo.

— E si se der essa eventualidade prometteis dar a mão de Julia a Augusto de Lara?

O capitão André hesitou. Julia se precipitou aos seus pés, abraçando-os e banhando-os com orvalho crystalino dos seus bellos olhos.

— Não podeis recusar, disse eu com autoridade. O céu vol-o ordena!

— Pois bem: consentirei, mas unicamente na hypothese que já estabeleci.

— Daes vossa palavra de paulista?

— Eu vol-a dou.

---

(1) Os jesuitas recorriam communmente a estas intimações para juizo de Deus nos casos extremos.

Neste instante apeou-se no terreiro o sargento-mór Luiz Pedro de Barros, e o capitão André apressou-se a ir recebê-lo. Aproveitei-me deste ensejo para dizer a Julia que tinha certeza de obter a renúncia do capitão Gonçalo e, conseguintemente, que ella não fosse esta noite no cedro de Carembehy, porque não vos encontraria. Julia corou e abaixou seus bellos olhos repassados de pudor e de gratidão.

— Ah! exclamou Augusto, fizeste mal de lh'o dizer, porque o capitão Gonçalo não renunciará o céu, renunciando a mão do mais puro e do mais bello dos seus anjos!

-- Vel-o-eis, moço deserdido! Logo depois da chegada do sargento-mór Luiz Pedroso, levantei-me para me ir embora.

— Que é isso, reverendo padre-mestre? Vai se embora por eu ter chegado?

— Não, meu amigo, vou porque tenho um negocio urgente com o capitão Gonçalo.

— Foi bom fazer-me de abelhudo, para poder prestar-lhe um pequeno serviço, prevenindo a vossa reverencia que guarde para a tarde de amanhã a sua visita a meu primo, porque o encontrei no caminho de Parnahyba.

— Ah! disse Augusto, é verdade que hoje bem cedo o vi de longe a cavallo seguindo essa direcção.

— A vista deste inesperado contratempo, para melhor orientar-me, entabolei uma conversação para colher as maduras, como se costuma dizer.

— Então, sr. sargento-mór, vistes ao vosso primo?

— Sim, reverendo, vi-o, e por signal que ia bem triste.

— E não será imprudencia perguntar-vos a razão dessa tristeza?

— De modo algum, e até muito estimo achar aqui Vossa Reverencia, que pôde prestar-me um auxilio poderoso.

— Estou ás vossas ordens, respondi, pulsando-me o coração de contente.

— Eis o caso sem mais preambulos. O nosso velho amigo o sr. capitão André procurou hontem a meu primo Gonçalo e offereceu-lhe a mão da sra. d. Julia.

— E' verdade, disse-lhe o capitão Góes.

— Meu primo acceitou immediatamente essa honrosa proposta.

— Tambem é verdade, respondeu o pae de Julia.

— Mas hoje muito cedo uma velha informou-o de que a sra. d. Julia se achava em lagrimas e que preferia casar-se com um moço que se criou com ella. Meu primo, cavalheiro como é, não deseja que a sra. d. Julia sacrifique a felicidade delle á sua propria felicidade, e encarregou-me de pedir uma explicação franca a este respeito, e, no caso affirmativo, de renunciar em seu nome com toda a lealdade a mão de vossa bella filha.

— Que nobre e generoso cavalheiro! exclamou Augusto de Lara.

— Foi essa a exclamação que partiu de todos os corações que alli se achavam. As acções nobres e generosas acham écho em todas as almas egualmente nobres.

— Bem, disse o capitão André, acceito a renuncia nos termos em que me é proposta, mas sem que duvide nem remota e ligeiramente da palavra do honrado sr. sargento-mór Luiz Pedroso, a quem tributo a mais alta estima e consideração, todavia, como se trata de um negocio assás melindroso, que affecta a minha honra, para resalval-a, peço encarecidamente ao sr. sargento-mór que se digne de trazer á nossa casa o seu nobre primo para fazer a renuncia de viva voz.

— Não vejo nisso o menor inconveniente, mas só amanhã de tarde é que poderemos vir, visto que meu primo foi hoje para a Parnahyba, como já disse.

O capitão André voltando-se para meu lado:

— Peço a Vossa Reverencia, disse elle, que tambem venha amanhã de tarde, para tratarmos do casamento de Augusto de Lara, visto ser Vossa Reverencia o seu poderoso patrono.

— Oh! meu padre! meu amigo! exclamou o joven Lara, abraçando o jesuita com transporte, vós me fazeis enlouquecer de prazer!

As nove horas da noite reinava profunda escuridão na cella do padre Gaspar.

Onviram-se tres pancadas maçonicas na porta, do lado de fóra.

— Quem bate? perguntou o jesuita com mau humor.

— Sou eu, respondeu do lado do corredor uma voz conhecida,

— Ah! sois vós padre Ignacio? disse o jesuita, levantando-se e abrindo a porta. Vossas visitas a estas horas são sempre pouco agradaveis.

— Bem sabeis que não as faço por minha conta.

— Então que temos?

— Acha-se gravemente enfermo no Japy o capitão Gaspar Leme do Prado, e o reverendo reitor ordena á vossa reverencia que vá levar-lhe os soccorros espirituaes com toda a urgencia.

— Sempre eu!

— Lembrae-vos, meu irmão, que o descanso dos padres da companhia de Jesus são os trabalhos, as attribuições, os sacrificios, por mais penosos que elles sejam; lembrae-vos que o tempo que gastaes com hesitações estereis devieis empregal-o em abrir as portas do céu á alma do christão que reclama a assistencia de um guia e que talvez se perca por vossa causa.

— Tendes razão, padre Ignacio, perdoae este tributo que paguei á fraqueza humana e ficae certo que andarei com tal rapidez que recupere o tempo perdido.

Enquanto o padre Gaspar se exprimia deste modo, approximou-se da commoda, abriu uma gaveta sem fazer o menor ruido e tirou a calça e jaqueta de Augusto de Lara.

— Quereis que eu vos acompanhe? perguntou este.

— Não, porque haveis mister de repouso, e eu de pressa. Antes de amanhecer estarei de volta. Quereis fe-

char a porta por dentro, ou será melhor que eu leve a chave?

— Será melhor que a leveis.

Pois então leval-a-ei, disse o jesuita, pondo na cabeça o chapéo de Braga do seu prisioneiro; e dando volta na chave, guardou-a na algibeira e desceu a escada com passos de gato.

O seu amigo padre Ignacio o estava esperando na portaria do collegio.

— Tomae esta roupeta, disse-lhe o padre Gaspar, enfiando a calça e a jaqueta do pobre prisioneiro, que lhe ficaram bem justas por ter a mesma estatura e o mesmo corpo.

— Agora vamos tirar um cavallo da estrebaria.

— Já está ajaezado e á vossa espera.

— Qual delles?

— O tordilho do nosso amigo Lara e com os seus proprios arreiros.

— Sois impagavel, carissimo padre Ignacio!

— Sou apenas vosso digno discipulo.

— Obrigado! Agora resta que vos acheis no lugar convencionado desde a meia-noite.

— Serei pontual como um jesuita; mas cumpre que não esqueçais que me toca o segundo quinhão.

— Não esquecerei, respondeu o padre Gaspar atando um lenço preto no rosto para melhor desfigural-o; e ganhando os arreios, seguiu a passo pela estrada de S. Roque.

Chegando a este bairro apeou-se junto do cedro de Carembehy, atou as redeas do cavallo ao ramo de uma arvore, inclinou para a frente a aba do chapéo, e começou a passear debaixo da sombra do cedro gigantesco.

Negras e pesadas nuvens interceptavam o brilho das estrellas nessa noite horrorosa, a cuja sombra se ia perpetrar um crime nefando.

Passado algum tempo, os ouvidos sempre attentos do jesuita ouviram um leve rumor de passos que se aproximavam, e a custo distinguuiu dous vultos.

O padre Gaspar ficou desapontado, mas bem depressa reassumiu a sua imperturbabilidade e esperou com audacia.

— Será elle? perguntou a voz tremula de um dos vultos.

— Sem duvida que é, porque lá vejo o seu cavallo branco; mas eu vou reconhecê-lo.

O vulto que falou em ultimo lugar, avançando para o jesuita, perguntou-lhe pela boca pequena:

— Quem sois?

— Augusto de Lara, respondeu o jesuita no mesmo tom.

— Meu filho!

Mamãe! respondeu o jesuita, adivinhando que a sua interlocutora era a mamãe de Augusto... E Julia..

— Vou buscá-la.

O segundo vulto se aproximou e disse com voz quasi extincta:

— Augusto!

— Julia! suspirou a seu turno o jesuita cingindo-lhe a delgada cintura e levando-a para junto do cavallo.

O padre Gaspar saltou sobre a sella com agilidade, e, extendendo a mão para a moça, ergueu-a sobre a garupa. O mimoso braço da virgem passou em torno da cintura do jesuita, que partiu a galope caninho do collegio de Araçariguama.

Dous fins tinha o jesuita para adoptar esta marcha accelerada. Primeiro porque tinha pressa de chegar. Segundo porque nessa marcha tornava impossivel a troca de palavras que podiam compromettel-o extemporaneamente. O padre Gaspar, sem afrouxar o galope, chegou ao collegio, entrou pelo quintal e apeou-se perto do edificio. Uma porta falsa se abriu, e o padre Ignacio assumando nella, perguntou:

— Sois Augusto de Lara e d. Julia de Góes?

— Sim, respondeu o padre Gaspar com voz quasi imperceptivel.

— Então segui-me para o oratorio.

O padre Gaspar, segurando na mão convulsa de Julia, penetrou e seguiu por um corredor escuro e humido que conduzia a um subterraneo até que a voz do padre Ignacio se fez ouvir.

— Parae, que estamos no oratorio.

Os noivos pararam.

— Augusto de Lara, continuou o padre Ignacio, que-reis casar-vos de vossa livre vontade com Julia de Góes?

— Sim, respondeu o fingido Lara com voz sumida.

— E vós, Julia de Góes, quereis casar-vos com Augusto de Lara sem o menor constrangimento?

— Sim, respondeu ella com voz tremula, mas porque se faz este casamento nas trevas e sem testemunhas?

— E porque as testemunhas não são necessarias nos casamentos clandestinos; e si estamos em trevas é porque Augusto de Lara me pediu que fizesse isto em segredo tal que não despertasse as suspeitas de pessoa alguma.

A noiva calou-se.

O padre Ignacio, ligando as mãos dos noivos e fazendo-os repetir as palavras do estylo, recitou uma oração em latim e abençoou este casamento sacrilego.

— Agora, disse o padre Ignacio, acompanhae-me a uma camara, onde passareis o resto da noute, e logo que amanheça irei eu mesmo pedir o vosso perdão ao capitão André.

Os noivos deram algumas voltas no mesmo salão em que se achavam, e o padre Ignacio, dirigindo-se a elles, disse retirando-se:

— E' aqui a camara. A paz do Senhor seja com-vosco.

— Augusto! balbuciou Julia com voz abatida, porque será que, estando ao vosso lado, sinto apoderar-se do meu coração um terror que me faz estremecer desde os pés até á cabeça?

O jesuita não respondeu e, cerrando a misera noiva em seus braços voluptuosos, conduziu-a para o leito que

elle mesmo havia mandado collocar naquelle logar e que mais de uma vez tinha sido o throno dos seus triumphos libidinosos.

#### XIV

A velha Isabel (pois era ella que acompanhou a Julia até o cedro de Carambehy) voltou para a casa do capitão André, entrou pela porta por que tinha sahido, deixando-a meio aberta, como estava, e recolheu-se no seu aposento. Uma hora depois, isto é, quando suppoz que os seus queridos filhos estariam fóra de perigo, estregiu a casa com espantosos gritos. O capitão André appareceu immediatamente com uma luz na mão esquerda e uma espada desembainhada na direita.

— Que é que temos? perguntou elle, carregando o sobr'olho.

— São ladrões que estão arrombando a porta do quintal, respondeu ella, descobrindo a cabeça.

— Ladrões! exclamou o capitão André, precipitando-se para o logar que lhe fóra indicado; e, encontrando a porta forçada, ou antes meia aberta, bramiu como um leão.

No mesmo instante foi rodeado por seus numerosos escravos e indigenas, dos quaes destacou uma grande parte no encalço dos ladrões. Feito isto dirigiu-se para o aposento de sua filha com o intuito de tranquilizal-a; e, achando deserto o seu leito, pensou que ella se tivesse refugiado no seu quarto para se collocar sob a protecção de seu paé. Dirigindo-se apressadamente para o seu aposento, surprehendeu-se de não encontrar alli a sua filha; e procurando-a por todos os cantos da casa, verificou a sua evasão. O capitão André, pallido de raiva, furioso como um tigre, exclamou:

— Foi o infame Augusto de Lara que a raptou. Corde! Hei de mandar açoutal-o pelos meus escravos, arrancar-lhe os olhos ainda vivo, abrir-lhe o peito com esta espada, beber-lhe o sangue e pisar o seu cadaver! Escravos, acompanhae-me.

O desgraçado pae seguiu para a casa de Augusto de Lara e, mandando tomar todas as entradas, bateu á porta com força. Immediatamente foi aberta por João Paracy, que, reconhecendo o capitão André, perguntou-lhe o que ordenavá.

— Onde está teu amo?

— Sahiu a cavallo esta manhã e não voltou até agora. Meu senhor pôde entrar e verificar a verdade.

— Pois traz-me uma luz.

O indigena obedeceu com promptidão. O capitão André deu uma busca rigorosa em toda a casa, mas felizmente não encontrou a innocente victima do seu odio. Voltando para sua casa, sentindo no peito as chammas do inferno, mandou escoltas em todas as direcções em demanda de sua filha e de Augusto de Lara.

## XV

O padre Gaspar, tendo feito, Julia assentar-se na beira da cama, apertou-a contra o peito, e seus labios, denegridos pela perfidia, roçaram nos labios puros da virgem noiva. Julia, afastando-o por um sentimento instinctivo, por um feliz acaso a candida mão sobre a cabeça do jesuita, e encontrando nella a corôa, repelliu-o violentamente, dando um grito de horror. O Jesuita, impellido com a força do desespero, tropeçou em uma cadeira que proxima estava, e tombou com grande estrondo. Ao ruido desta quéda surgiu no subteraneo o respeitavel padre Ignácio com uma vela accesa na mão. Julia, reconhecendo os dous jesuitas, que ella tinha visto por vezes, tanto na capella do collegio como em sua propria casa, e, vendo que um delles trajava as roupas do seu amante, comprehendeu todo o horror de sua negra situação e que era victima de um trama hediondo, sacrificada em holocausto nos negros altares da perfidia e da crueldade monstruosa dos jesuitas.

Como um anjo cahido do céu ao inferno, a misera noiva, cobrindo o rosto com ambas as mãos, deu um segundo grito de suprema agonia, que era o resumo incisivo de todas as suas dores. Neste momento ouviu-se o som da sineta que chamava os jesuitas a mutinas, e os dous consocios se retiraram, levando o padre Gaspar a chave de segredo do subterraneo para evitar que o seu cumplice quizesse violar o pacto infernal que entre ambos se havia celebrado.

O padre Gaspar, entrando na sua cella, restituiu á gaveta da commoda as roupas de que se tinha servido.

A luz sympathica da manhã penetrou por uma estreita fenda praticada na parte superior da medonha crypta, em que jazia a infeliz Julia, e se foi insinuando mysteriosa e melancholica nesse covil manchado tantas vezes por crimes horrorosos. A essa luz mortuaria e duvidosa a misera prisioneira distinguu sobre uma mesa alguns pães, carnes frias, uma garrafa de vinho e outra de agua, e comprehendeu que o seu captiveiro tinha de se prolongar por tempo indefinido.

Os pensamentos dilaceradores que passaram em tropel no seu cerebro como chammas de fogo não tentamos reproduzil-os, porque não dariamos sinão um quadro decorado da mais afflictiva e deploravel de todas as situações.

Deixemol-a, pois, entregue a essas torturas moraes e respeitemos essas lagrimas de sangue com que a filha do capitão André ensopa a terra humida do subterraneo do collegio.

## XVI

Na tarde desse dia nefasto o padre Gaspar despediu-se de Augusto de Lara para ir levar Gonçalo Castanho á casa de André de Góes, fazel-o ratificar a renuncia que fez da mão de Julia e contractar o dia do casamento da noiva repudiada com o pobre Lara, que ficou embalado

em doces esperanças, ao mesmo tempo que a sua adorada Julia, naquelle mesmo edificio, vestia desolada as mais acerbas lagrimas do coração.

As 7 horas o scelerado jesuita, voltando á sua cella, exclamou tragicamente:

— Meu filho! Que horrivel desgraça! tudo está perdido!

— Como? bradou Augusto pallido de susto.

— Ai! não tenho animo de vol-o dizer!

— Dizei-o! exclamou o desgraçado mancebo, apertando em suas mãos como em um torno de ferro o braço do jesuita, dizei-o em duas palavras: eu vol-o conjuro em nome do céu!

— Gonçalo Castanho raptou a tua Julia, respondeu o jesuita laconicamente para se ver livre da mão de ferro do mancebo.

— Bem! está bem! vou felicital-o por esse triumpho! disse o joven Lara com calma assustadora, empurrando violentamente o jesuita de encontro á porta.

Augusto de Lara, rasgando com as unhas a roupeta de estamena, dirigiu-se para a commoda, vestiu a sua roupa e desappareceu como um relampago. O padre Gaspar deu uma gargalhada infernal, tomou um copo de vinho, mettu na algibeira um vidrinho que tirou de uma gaveta de segredo da commoda e dirigiu-se para o subterraneo. Penetrando nessa escura masmorra, collocou sobre a mesa uma placa de bronze em que ardia uma vela de cera; e, vendo que Julia só se havia servido da agua:

— Minha filha! disse elle com voz branda e melancolica, porque não haveis tomado alimento algum?

— Porque me bastam lagrimas, vil carcereiro! respondeu Julia com altivez.

— Fazeis mal, porque estando extenuada de forças, mal podereis resistir ao choque de novas desgraças que acabam de pesar sobre os entes que vos são mais caros.

— Malastes o meu coração, desprezível assassino, e já não tendes força para augmentar o meu soffrimento!

— Vosso pae, continuou o jesuita, attribuindo o vosso rapto a Augusto de Lara, apoderou-se delle, e arrancou-lhe os olhos ainda vivo...

— Ah! exclamou Julia, vergando a cabeça sobre o peito com inexprimível angustia.

— Depois amarrou-o em quatro cavallos bravos, para que se não escapasse, si fosse atado a um só; mandou soltal-os em direcções oppostas, e cada um levou uma parte dos membros do infeliz Lara!..?

— Meu Deus! exclamou a moça, tiritando de horror.

— Seus membros jazem dispersos pelo campo, e são profanados e devorados pelos cães!...

— Basta, Satanaz! Basta! exclamou Julia, estorcendo-se no desespero da sua dôr e arrancando os cabellos.

— Ainda não sabeis tudo. O capitão-mór Bernardo Rodrigues Chassini, apenas teve noticia de tão barbaro assassinato, mandou prender e carregar de ferros o capitão André. O desgraçado velho quando lhe puzeram ao pescoço uma grossa corrente, foi acommettido de uma apoplexia fulminante e cahiu exanime!...

— Meu pae! balbuciarão os labios convulsos da misera Julia.

— Já vedes, pois, minha querida menina, que nenhuma protecção vos resta sobre a terra sinão a minha.

— E essa, respondeu Julia com altivez nobre, eu a repillo e voto ao mais soberano desprezo.

Os olhos da virgem desferiram lampejos de fogo: suas lagrimas estavam estancadas, porque o excesso da dôr as refluio para o coração. A desditosa ergueu-se com attitude magestosa e iracunda e proseguiu:

— Infame jesuita! assassinaste meu pae!... assassinaste meu irmão... meu amante... meu esposo!... Pois bem! assassina tambem a esta desgraçada, e eu te perdoo-

rei todos os teus crimes... Eis meu peito... crava nelle o teu punhal, tigre sanhudo!... Eu vol-o peço de joelhos e em nome do céu!

— Pois bem! respondeu o jesuita, tirando um vidro da algibeira e collocando-o sobre a mesa. Já que proferis a morte á vida, o tumulto á felicidade, eis aqui este vidro que contém um veneno subtil e energico, que em breve vos fará reunir ao vosso pae e ao vosso amante.

— Obrigada! mil vezés obrigada! disse Julia ainda de joelhos, erguendo ambas as mãos para o céu.

O sino grande do collegio fez resoar por tres vezes de espaço em espaço a sua voz lugubre e monotona. O padre Gaspar, ouvindo esse signal, que chamava todos os jesuitas com urgencia á grande sala do capitulo, qualquer que fosse a distancia em que se achassem, comtanto que o ouvissem:

— Diabo! exclamou elle, mordendo os beiços com indescriptivel desapontamento.

E, rodando sobre os calcanhares, fechou a porta e subiu a passo dobrado para a sala do capitulo.

Quando chegou alli já achou reunidos todos os jesuitas. O reverendo reitor, fazendo um gesto de attenção, disse:

— Ordeno-vos que vos encerreis desde já nas vossas cellas, e que dellas não vos arredeis um passo sem ordem minha, porque a qualquer hora da noite precisarei de vós para o serviço de Deus.

Todos os jesuitas abaixaram a cabeça, em signal de obediencia, e desfilaram como uma tropa bem disciplinada em frente do seu general.

— Pouco depois o reitor passando pela cella do padre Gaspar bateu á porta devagarinho. O jesuita abriu-a com precaução.

— Acompanhae-me sem fazer o menor ruido, disse-lhe o reitor ao ouvido.

Os dous jesuitas foram para a cella do reitor e este fechou a porta por dentro.

## XVII

Augusto de Lara, chegando a Carembehy, dirigiu-se e entrou impetuosamente na casa do capitão Gonçalo, a quem disse com tom insolente e provocador:

— Venho tributar as mais sinceras homenagens ao valor do intrepido capitão que sabe alcançar bellos triumphos á sombra da noite!

— Que triumpho é esse? perguntou o capitão Gonçalo com surpresa.

— Outr'ora, proseguiu Augusto sem attender á pergunta que lhe fôra dirigida, os amantes esforçados proclamavam a belleza de suas amadas nas justas e torneios e, expondo seus dias com denodo nessa arena dos bravos, mostravam-se dignos da mão que adoravam. Outras vezes, atravessando os torridos e arenosos desertos da Syria, lá iam á Palestina para medir suas armas com os fortes musulmanos e conquistar corôas de louros inmarcessiveis para deporem aos pés das damas do seu pensamento. Hoje, os cobardes se apoderam das amantes que os desprezam, levando por couraça as sombras da noite e a perfidia por broquel. Não é assim, valente capitão?

— Mancebo tresloucado! vejo nas vossas palavras uma insinuação, ou antes um insulto grosseiro. Exijo peremptoriamente uma explicação formal, disse o capitão Gonçalo, rangendo os dentes de raiva.

— Si não és cobarde, eu t'a darei daqui a meia hora com a espada em punho, junto do cedro de Carembehy, em um combate de morte.

— Aceito! respondeu Gonçalo Castanho, acceso em cólera.

— Maldição e vergonha áquelle que faltar! disse Augusto de Lara.

— E maldição e vergonha ao primeiro que disser basta! respondeu o dono da casa, apontando para a porta com gesto solemne.

## XVII

Depois que o padre Gaspar se retirou do subterraneo, a infeliz Julia, como que accordando de um sonho pavoroso, começou a andar a passos largos pelo salão como allucinada. Fitando por acaso os seus olhos chammejantes sobre o vidro que alli se achava, recordou-se que elle continha o toxico de morte que o jesuita lhe havia dado, e exclamou:

— Morrer quando me sorria a aurora da primavera! Quando o amor dourava a rosea manhã dos meus dias! Separar-me para sempre de meu velho pae e do meu querido amante! Trocar a grinalda de flôr de laranja pela corôa de cypreste! Oh! eu não quero morrer. Não quero trocar as doçuras do thalamo nupcial pelos gelos do tumulo! Não! eu quero viver... viver para elle... Mas oh!... proseguiu-ella, estremecendo, elle morreu morte affrontosa, e seus membros jazem abandonados e dispersos pelo campo, como si estivessem em terra de Mouros!... e meu pae... expirou em uma corrente, ludibriado, escarnecido! Nada mais me resta neste mundo ingrato, e eu vou reunir-me a elles á face do Eterno!

A desgraçada segurou no vidro com mão febril, mas segura, levou-o á bocca, e bebeu de um gole o liquido que elle continha.

— Como é amargo! disse ella desviando do vidro os olhos com horror: e pondo-se de joelhos, ergueu seu pensamento ao throno de Deus, orando não só por ella, mas tambem por seu pae e seu amante.

De repente viu surgir ante seus olhos o vulto de um jesuita, e ella, erguendo-se, e refugiando-se no fundo do subterraneo, exclamou:

— Retira-te, Satanaz! Não venhas amargarar ainda mais os ultimos momentos de uma moribunda!

— Minha filha!... disse uma voz grave e doce, não reconheces o indigno ministro de Deus por entre os cabellos alvejados pelos annos!

— Esta voz!... exclamou Julia sobresaltada.

O jesuita deu alguns passos para a mesa onde ardia a vela e collocou-se dentro do circulo mais luminoso para que suas feições pudessem ser reconhecidas.

— O padre Belchior de Pontes! exclamou Julia, correndo para elle e ajoelhando-se aos seus pés. Perdoae! Não sabia que ereis vós, que sois tão bom e cujas virtudes são proclamadas de bocca em bocca...

— Não falemos de mim, pobre e humilde peccador; falemos de vós, de vossa liberdade...

— E' tarde, meu padre! Agora só podeis dar-me a absolvição da morte e cerrar meus olhos, que em breve se fecharão para este mundo.

— Porque?

— Porque estou envenenada.

— Envenenada! Meus Deus! Será possível?

— Eis ali o vidro que continha o veneno.

O padre Belchior de Pontes pegou no vidro, aspirou-lhe o cheiro e, tornando a collocal-o no mesmo lugar:

— Minha filha, disse elle, levanta-te, que não ha tempo a perder. E' mister que te ponhas a caminho e que vões nas azas da diligencia para salvar a vida de Augusto de Lara, que corre imminente perigo.

— E' tarde, meu padre, porque elle já foi barbaramente assassinado.

— E' falso, respondeu o veneravel jesuita.

— Eu creio em vossas palavras como em Deus, disse a moça, affagando com prazer uma doce esperanza. Mas então tudo isto é um sonho, não é assim?

— Não é souho, minha pobre filha, é a realidade do crime e da perfidia. Ouves-me. O padre Gaspar, tendo preso no collegio a Augusto de Lara, vestiu a sua roupa para melhor illudir-te e raptar-tê. Teu pae attribuiu esse rapto ao innocente Lara, que, confiando no padre Gaspar, o havia iniciado em todos os seus segredos. O padre Gaspar, querendo destruir áquelles que podiam servir de obstaculo aos seus planos criminosos, referiu insidiosamente a Au-

gusto que fostes raptada pelo capitão Gonçalo. O joven amante, querendo vingar esta affronta, desafiou ao supposto raptor para um duello de morte junto do cedro de Carembehy. Desse duello resultará infallivelmente a morte de um, ou talvez de ambos, a perdição de outro, que fugirá para escapar da acção da justiça e a morte de teu pae, que definha de dôr e de vergoza, ficando o padre Gaspar livre de todos os obstaculos. Daqui a pouco as espadas dos dous valentes jovens se cruzarão encarniçadas junto ao cedro de Carembehy, e urge que vões para salvá-os, para evitar que se commettam novos crimes. Um cavallo te espera á porta deste subterraneo. Segue-me.

Julia acompanhou o padre Belchior e, montando a cavallo partiu como o raio que fende as nuvens.

#### XIV

Ao approximar-se do cedro de Carembehy, Julia ouviu o tinir de duas espadas que se cruzavam com golpes repetidos. Arrojando-se sobre os combatentes, bradou:

— Suspendei.

As duas espadas ficaram suspensas sobre a cabeça da virgem.

— Julia! exclamaram a um tempo os dous mancebos.

— Ouvi-me, continuou ella com voz enfraquecida, ouvi-me porque poucos são os momentos de vida que me restam.

Os dous rivaes, que ainda ha pouco affrontavam a morte com o valor tão commum entre os Paulistas, estremeeceram a estas palavras. A moça, cuja voz se ia enfraquecendo gradualmente, continuou:

— A causa deste duello é injusta, ambos vós estaes innocentes. Quem me raptou foi o scelerado padre Gaspar.

— Elle! bradou Augusto de Lara, arrancando os cabellos. Elle, que me affirmou que foi o capitão Gonçalo!

— Elle mesmo, vestido com as tuas roupas para melhor illudir-me.

— Ah! cabe tamanha perfidia no coração de um jesuíta! exclamou Augusto, espumando de raiva.

— Conduziu-me ao subterraneo do collegio, onde ás escuras casou-se commigo...

Augusto de Lara rugiu como o tigre dos desertos que vê matarem-lhe o filhinho muito amado.

— Depois, não podendo satisfazer os seus negrbs projectos pela resistencia que lhe oppuz, induziu-te a desafiar ao capitão Gonçalo e envenenou-me para acabar com todas as suas victimas!

— Envenenou-te! exclamaram os dous rivaes horripilados.

— Envenenou-me, sim! E si não fôra o virtuoso padre Belchior de Pontes, que me abriu as portas do subterraneo, que me forneceu um cavallo, e que guiou meus passos para este logar sinistro, morrerieis como eu morro...

— Julia! que tendes? exclamou Augusto com pallidez de defunto.

— Meu Deus!... disse ella com voz quasi extincta, é o gelo da morte... é o veneno que me mata... Apertame contra o teu peito, meu irmão... para que ao menos tenha a ventura... de morrer... nos teus... braços!...

A cabeça da virgem pendeu sobre o peito de Augusto de Lara e exhalou o ultimo sopro da vida em um debil suspiro.

— Julia! exclamou o infeliz Augusto, soluçando e banhando o rosto da virgem com uma torrente de lagrimas.

Passado este primeiro assomo, o jôven Lara estendeu sobre a relva macia o corpo inanimado da sua adorada Julia, e, dirigindo-se ao capitão Gonçalo:

— Senhor! disse elle, fui eu que vos provoqueei; fui eu que vos insultei grosseiramente levado por erro a que me induziu o padre Gaspar, o mais vil e o mais perfido de todos os homens. Por aquella victima innocente que alli jaz, fria e exangue, peço-vos mil perdões e presto ao vosso valor as devidas homenagens.

— Nada tenho que vos perdoar, nem tenho de vós o menor resentimento, pois conheço que em tudo isto andou o dedo desse infame e desprezível jesuita; e tomo a parte que me toca na affronta dirigida a essa infeliz, cuja mão me estava promettida. Acreditaes, Augusto, que si eu soubesse quaes eram as affeições de Julia, não teria accedido a proposta do capitão André e seria o primeiro a interceder pelo vosso casamento. Agora dizei-me o que exigis da minha amizade, certo que vos dirigis a um cavalheiro leal e sincero, disse Gonçalo Castanho, apertando a mão de Augusto de Lara.

— Obrigado, meu amigo! Aceito os vossos bons officios, e vos rogo que passeis pela minha casa e ordeneis ao pequeno Vicente Paracy que me traga com a maior urgencia um laço, um machado e uma enxada. Ao romper d'alva, peço-vos que vos dirijaes á casa do capitão André, e que procureis enxugar as suas lagrimas.

Dizei-lhe que eu estou innocente; que foi o padre Gaspar o raptor da sua filha; que a envenenou e cortou esta flôr de innocencia que ainda ha pouco se erguia cheia de vida no jardim das esperanças; dizei-lhe que o seu corpo angelico dorme o somno da eternidade debaixo deste céu, onde outr'ora ó amor puro tantas vezes nos uniu, para que o seu corpo angelico não seja profanado nesse covil immundo; dizei-lhe finalmente que o infeliz Lara não verá levantar-se o sol de amanhã.

— Juro cumprir quanto exigis de minha amizade, respondeu o capitão Gonçalo, apertando ainda uma vez a mão do mancebo.

Tinham decorrido apenas dez minutos quando compareceu o indigena Vicente Paracy, que era um rapaz de quatorze annos, muito vivo e intelligente. Augusto, recebendo os instrumentos que elle trouxe, disse-lhe:

— Voa ao pasto do capitão André e traze-me o primeiro cavallo que encontrares.

O joven Lara começou a abrir uma cova junto do cedro de Carembehy, e foi tal o ardor com que trabalhou,

que, quando voltou o indigena com o cavallo, ja estava quasi concluida.

Augusto deu-lhe rapidamente algumas instrucções. O indigena partiu a galope em direcção ao collegio.

Augusto de Lara acabou de abrir a cova, cortou um dos braços do cedro, improvisou uma cruz tosea e imperfeita, e plantou-a na margem da sepultura que havia cavado. Depois ajoelhando-se junto do cadaver de sua amante, depositou respeitosamente um beijo tremulo nos labios enregelados da sua Julia e, extendendo o braço para a Cruz de Cedro, disse:

— Por aquella cruz ha pouco levantada ao lado de uma sepultura ainda vazia, juro que serás vingada!

O triste mancebo se ergueu banhado de suor frio, depositou o cadaver de sua amada na sepultura, cobriu-a de terra humida de pranto, e depois procurou a espada, que havia cahido da mão quando Julia se interpoz inesperadamente entre elle o seu adversario, embainhou-a e foi collocar-se debaixo do frondoso cedro com o pescoço erguido como o ganço do Capitolio, e attento ao menor ruido.

## XX

O reitor, tendo fechado a porta da sua cella, convidou ao padre Gaspar para rezar conjuntamente com elle. O jesuita mordeu os beiços, tomou o breviario com indizivel constrangimento e, começou a rezar. Seus labios se moviam automaticamente, mas seu coração não tinha a menor parte nessa reza, porque o seu pensamento vagava pelo subterraneo do collegio, e alli com os olhos d'alma via a sua desolada victima; examinava attentamente o effeito que tinha produzido o liquido que lhe deixara em um vidro; depois dirigia-se a Carembehy, assistia ao duello de Augusto de Lara com o capitão Gonçalo, via-os lançados por terra, banhados em um mar de sangue, e expirando um após do outro entre horriveis angustias. Assistia como testemunha invisivel a este medonho espectáculo com o

coração transbordando de um prazer satânico. Depois voltava para o subterrâneo, e fruía os gosos mais voluptuosos com a calma do scelerado!...

O padre Gaspar tinha pressa de concluir a reza; o reitor pela sua parte desejava procrastinal-a e o interrompia a cada instante com as mais frivolas questões.

Finalmente, concluída esta reza, que durou quasi duas horas tão longas como dous seculos para o padre Gaspar, quando elle suppoz que ia soar a hora da sua liberdade, tão avidamente desejada, o reitor, dirigindo-lhe a palavra com gesto mysterioso, disse:

— E' de sup pôr que os nossos irmãos a estas horas estejam cntregues nos braços de pesado somno.

— Sem duvida, respondeu o padre Gaspar, bocejando: e até eu, que estou acostumado a resistir longas noites de insomnias, não sei porque me acho assás fatigado e sinto necessidades de repousar.

— Si alguém veiu escutar-nos, continuou o reitor sem attender aos bocejos e ás reclamações do seu interlocutor, é provavel que já exgotasse a sua curiosidade, ouvindo a nossa longa reza.

— E' mais que provavel.

— Todavia, como cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguem, nada se perde em recorrer á prova real.

O reitor tirou as sandalias, pôz-se nas pontas dos pés, e avançando para a porta com passos de lobo, abriu-a de improviso e tornando a dar volta á chave:

— Não ha espiões, disse elle, voltando e assentando-se em frente do outro jesuita. Podemos conversar agora.

— Estou ás ordens de vossa reverencia, respondeu o padre Gaspar, mordendo os beiços até arrebear sangue.

O reitor tomou attitude mysteriosa de um conspirador e fitando seus olhos de lince nos olhos scintillantes do seu subordinado, disse:

— Trata-se de uma vasta conspiração que tem sua sede na cidade celeste, nessa *urbs mundi*, e que tem rami-

ficações e poderosas adhesões em toda a Italia, nos paizes banhados pelo Rheno, na França, Hespanha, nas capitánias do Brasil e nas provincias hespanholas da America. O cabeça dessa conspiração é o geral da companhia de Jesus em Roma. Os seus braços são os numerosos jesuitas espalhados por toda a parte. Esta magna revolução tem de mudar a face de todo o orbe catholico.

Dous grandes poderes existem sobre a terra; o poder temporal, ou civil, o poder espiritual, ou da igreja; ambos são assás fortes e poderosos, ambos se temem e se detestam, o mais forte deve absorver e anniquilar o mais fraco. A igreja tem extendido sorrrateiramente o seu poder, creando por toda a parte tribunaes de consciencia com o nome de inquisição do Santo Officio, a cuja frente se acham os mais sagazes e arditos dos seus agentes; os reis da terra estão sujeitos ao poder invisivel da inquisição; os calabouços, as torturas e as fogueiras do Santo Officio têm levado o terror a todos os angulos da terra; o poder civil começa a receiar-se do poder da igreja e, não ousando combatel-o de frente, porque teme ser esmagado, vai pouco a pouco cerceando as suas prerogativas e solapando entré as trevas da noite o poder desse colosso que o inquieta e que póde esmagal-o. Cumpre, pois, erguermos a luva que nos atiram timidamente pelas costas, antes que, depois de nos enfraquecerem, ousem arrojal-a sobre a nossa cara. Os reis da terra dispõem dos exercitos, isto é, da força material automatica e bruta; nós dispomos de uma phalange assás numerosa de bravos, forte pelas suas convicções, invencivel pela sua intelligencia. A força bruta deve ceder á intelligente neste combate de gigantes, porque a intelligencia é a rainha do universo.

O brado dessa grande revolução, que ha de regenerar o poder da Igreja, deve partir do novo mundo, e reboar nas plagas da velha Europa, magestoso como as ondas soberbas do caudaloso Amazonas, o soberano dos rios do mundo, que fertiliza as terras abençoadas do Brasil e que ha de vir a ser uma grande arteria de civilização e de riqueza.

As autoridades civis serão depostas e substituídas pelos membros mais habéis e dignos da nossa santa companhia.

Os mais altos cargos serão dados áquelles que maiores serviços tiverem prestado a esta santa cruzada. No dia em que chegar á Europa esta noticia, o geral da nossa companhia será proclamado rei dos reis; os monarchas baixarão dos seus thronos, e a supremacia dos jesuitas se estenderá por toda a parte. O padre João de Deus, que veiu como agente desta conspiração para soprar na America o fogo sagrado da mais santa das revoluções, de volta do Prata, acaba de dar a alma a Deus no collegio de S. Paulo, tendo apenas tempo de revelar ao rev. reitor, o sabio e veneravel padre Raphael Machado, o resultado da sua santa missão.

E' pois de maxima urgencia mandar a Roma um enviado extraordinario para noticiar a morte do padre João de Deus; dar conta da franca e leal adhesão que encontrou nos dominios hespanhoes e nas terras do Brasil e instar para que seja designado com toda a brevidade o dia do rompimento afim de se aproveitar da effervescencia popular e da grande indisposição em que se acham todos os espiritos, não só pelos donativos forçados, pelas espoliações e monstruosos latrocinios dos governadores em favor e em nome da corôa de Portugal, e ainda pelo profundo resentimento que deixou em todos os corações as scenas sanguinolentas do Capão das Traições e do rio das Mortes, nas Minas-Geraes, onde Amador Bueno da Veiga, commandante do exercito paulista, Francisco Bueno, e sargento-mór Luiz Pedroso de Barros e alguns outros, á frente de um punhado de bravos e a despeito das ordens do governador Antonio de Albuquerque Coelho, praticaram os mais assombrosos feitos de bravura, que fariam inveja aos Cesares, aos Alexandres, aos Scipiões, aos Annibaes, e que ornem de louros eternos e immorredouros a frente altiva dos invictos paulistas.

Mas si esta grande revolução tem de trazer incalculaveis vantagens á nossa santa ordem, dando-nos o gover-

no do mundo, cumpre todavia não esquecer que esse sonho dourado pôde ser destruido em um momento si por ventura uma indiscreção, uma circumstancia qualquer revelar os nossos projectos extemporaneamente. Sendo altamente imprudente confiar ao papel um negocio de tal magnitude, o nosso sabio reitor, fazendo o mais alto apreço do vosso zelo, da vossa illustração, da audacia e subtileza com que leuaes ao cabo as mais arrojadas empresas, escolheu-vos para esta perigosa e sublime missão, recomendando-vos dest'arte a alta protecção do supremo conspirador.

— Estou prompto! respondeu o padre Gaspar com enthusiasmo, os olhos scintillantes de ambição e completamente esquecido da sua victima do calabouço.

— Ireis amanhã, proseguiu o reitor, para receberdes as ultimas ordens do padre Raphael, e seguides para Lisboa na frota que tem de largar de Santos nestes quatro dias.

## XXI

Alguem bateu á porta da cella do reitor.

— Quem será? disse elle, levantando-se com vivacidade. Oh! continuou elle entreabindo a porta, sois vós, reverendo porteiro? Que novas temos?

— Um pequeno indigena que pede licença á vossa reverencia para um negocio de muita urgencia.

De onde vem?

— De Carembehy.

O padre Gaspar estremeceu.

— Que entre, disse o reitor.

O indigena entrou immediatamente.

— De quem sois? perguntou-lhe o reitor.

— Do sr. capitão André de Góes.

O padre Gaspar estremeceu pela segunda vez.

— A que vindes?

— Meu senhor, respondeu Vicente Paracy, estava muito doente de desgosto por terem furtado a senhora moça,

O sr. capitão Gonçalo estava no quarto de meu amo agora de noite, quando entrou de repente o sr. Augusto com uma espada na mão e desafiou-o. O sr. capitão Gonçalo pegou da espada de meu amo, que lhe disse que tambem o vingasse, e sabindo para a sala puzeram-se a brigar.

A testa do padre Gaspar estava inundada de suor frio, e o seu coração batia com violencia, como que querendo rasgar-lhe o peito.

— O sr. Augusto cahiu morto, atravessado pela espada, e o sr. Gonçalo ficou muito ferido, e já está sem fala.

O padre Gaspar respirou.

— Com isto meu amo se assustou muito, e tambem está para morrer; por isso me ordenou que viesse a galope, e que pedisse á vossa reverência que mande o seu confessor para ajudal-o a bem morrer.

— O confessor delle sois vós, padre Gaspar? perguntou o reitor.

— Sim... senhor... respondeu elle, hesitando.

— Rev. porteiro, mande ajaezar o melhor cavallo que estiver na estrebaria. Rapaz, dize a teu amo que já lhe mando o seu confessor.

Ø porteiro e o indígena desapareceram conio duas sombras.

— Senhor, disse o padrè Gaspar enxugando o suor que lhe cahia em bagas pelo rosto, tendo de seguir amanhã para S. Paulo, preciso de algum repouso, e supplico encarecidamente a vossa reverencia que me dispense desta commissão.

— Que?! Não sabeis que o capitão André de Góes é um dos mais ricos proprietarios de Carembehy, e que as suas riquezas nos tocam de direito, visto que sua unica filha deve ser desherdada por ter manchado o lar paterno com uma fuga ignominiosa?

— Mas póde ir outro...

— Outro! redarguiu o reitor. Qual outro desses estupidos é capaz de desempenhar uma tarefa desta ordem? Como hesitaeis de prestar mais um serviço relevante á

nossa Ordem, e de vos apresentar com mais uma valiosa recomendação ao padre Raphael?

— Mas... balbuciou o padre Gaspar.

— Ordeno-vos, que sigaes para Carembehy sem perda de tempo, disse o reitor com autoridade.

— Obedeço, respondeu o jesuita, levantando-se.

O padre Gaspar passou pela sua cella, tomou o chapéu, e descendo para o pateo encontrou alli o reitor, que foi para fiscalizar a sua partida.

— Uma vez que estão mortos, que tenho eu de arrepiar-me delles? disse çomigo mesmo o padre Gaspar, montando a cavallo e partindo a toda brida para Carembehy.

Ao passar defronte do cedro de Carembehy, Augusto de Lara atirou-lhe o laço com mão certa e o desmontou do cavallo.

## XXI

— Quem sois? perguntou Augusto de Lara para reconhecer o seu adversário.

— Oh! é a voz de Augusto, e eu sou victima de uma miseravel insidia! disse elle, desemmaranhando-se do laço, levantando-se e disparando um tiro de pistõla.

— Erraste o alvo, miseravel assassino! disse Augusto.

— Nunca ando descalço, respondeu o padre Gaspar.

A detonação de um segundo tiro resou no espaço solitario, quebrando a solidão da noite.

— Tornaste a errar, beatissimo padre! Toma cuidado, que o inferno parece que começa a abandonar-te!

— Tenho ainda um recurso para oppôr aos vossos grosseiros motejos, respondeu o jesuita fazendo brilhar a lamina de um punhal e arremessando-se furioso sobre o seu antagonista.

Augusto de Lara desviou o corpo e, dando um golpe certo, abriu largo talho no braço direito do jesuita. O punhal saltou da mão do padre Gaspar, que rugiu como o tigre indefeso, que vê exgotados todos os recursos da re-

sistência, e não tendo outra taboa de salvação, voltou sobre os calcanhares para se pôr em fuga. Ao dar esta volta precipitada seus pés tocaram na raiz de um tronco, e, perdendo o equilibrio, cahiu em terra. Augusto de Lara, pisando-lhe sobre o peito com o pé esquerdo e a ponta da espada erguida para o céu, exclamou:

— E' vivo... vivo que eu te quero, jesuita do inferno!

## XXII

O padre Gaspar vendo-se em tão criticas conjuncturas recorreu ao emprego de meios brandos para arredar o golpe de morte que pendia sobre sua cabeça, e disse:

— Mancebo! poupa-me os dias que eu te darei mais que a vida.

— Satanaz! Sabe que recuso a vida, e felicidade e o próprio Céu, si para penetrar nos seus humbraes necessitasse de um só de teus favores.

— Mas vós ignoraes onde se acha a vossa Julia, e eu, sómente eu vol-a posso restituir com toda a sua pureza virginal. O golpe que atravessar o meu peito irá ferir o della, que morrerá sem que ninguem saiba onde se acha, e vós sereis o seu assassino.

— Quereis ganhar tempo para escapar á horrorosa e inaudita vingança que eu vos preparo?! Não, monstro assassino! A infeliz Julia já não está em vosso poder, nesse horroroso calabouço onde se hão sumido tantas victimas!

— Onde pois está ella? perguntou o jesuita com *accento desfallecido*, vendo perdida a ultima esperança de salvação.

— Alli... naquella sepultura... vil assassino!

— Desgraçado! vós a sepultastes viva! bradou o jesuita com sorriso infêrnal.

— Viva! exclamou Augusto, sentindo um calafrio universal impossivel de descrever-se.

— Sim, viva!

Não! é ainda um arдил a que recorres, porque tu a envenenaste e a sua morte foi o resultado do veneno que lhe propinaste.

— Não a envenenei: escutae-me. Vendo que Julia oppunha uma resistencia cada vez mais heroica aos meus desejos, para triumphar dessa vontade de ferro, dei-lhe um narcotico, cuja acção devia produzir uma morte apparente, e fostes vós, misero Lara, que sepultastes viva a desventurada Julia!

— Ah! meu Deus!.. fui eu que a mitei! exclamou Augusto, quasi tresvariado.

— E eis aqui seu pae para vingal-a! trovejou o capitão André de Góes com' a espada em punho, o qual tendo andado em busca do raptor de sua filha, havia voltado á sua casa ha poucos instantes e alli recebera um bilhete escripto pelo padre Gaspar em que lhe denunciava que encontraria Augusto de Lara em casa de Gonçalo Castanho, onde soube que elle havia ficado junto ao cedro de Carembehy.

— E eis-aqui o criminoso, disse o infeliz mancebo, abaixando a cabeça ante a figura iracunda de seu velho pae adoptivo, deixando cahir a espada e cruzando os braços com a impassibilidade do idiota.

— Morre, Judas! exclamou o capitão André, atravessando o peito do nobre mancebo.

Augusto de Lara deu dois passos cambaleantes e cahiu examine sobre a sepultura de Julia. O sangue que lhe borbulhou o peito foi ensopar a terra da morte já humida de lagrimas...

Emquanto o capitão André de Góes derramava o sangue innocente do mal-aventurado Augusto, o padre Gaspar esgueirou-se por traz do corpulento cedro e poz-se a observar esta scena horrorosa como espectador. O capitão André, afastando com horror o cadaver de Augusto, começou a cavar com as unhas a não pisada terra da sepultura e em breves momentos deu com um corpo e o puxou para fóra com braço febricitante.

A lua, rompendo neste momento através de negras sombras, dardejou seus pallidos raios sobre o semblante desfigurado da virgem de Carembchy.

— Minha filha! exclamou o misero pae, abraçando Julia em um desespero que tocava á meta do delirio. Vinguei-me e vinguei-te! Já nada me prende a esta terra maldita!

O desditoso ancião, firmando os copos da espada no chão, alagado do sangue innocente de seu filho de adopção, arrojou o peito contra a ponta do ferro assassino e cahiu soluçando entre os cadaveres dos dois amantes.

O padre Gaspar sahindo de traz do cedro cruzou os braços sobre o peito, contemplou os tres cadaveres por alguns instantes em morno silencio e, depois, com voz sardonica e riso satanico, disse:

— Ousaram resistir-me, morreram: e morreram morte violenta! Elle cheio de vida e mocidade, elle que sonhava um porvir de venturas nos braços de sua amante, elle que tinha um coração de fogo e um braço de ferro, eil-o alli prostrado como o altaneiro jequitibá das magestas florestas brasileiras, que o rijo sopro dos furacões fez tombar sobre a torrente do deserto que se despenha dos alcantis da montanha, eil-o alli mudo como a estatua do silencio, frio e gelado como o pólo do norte! Ella, que em suspiros de virgem, nos anhelos do coração abrazado, nas chammas intensas de amor sem limites, sonhava um eden na terra, ella, que era tão meiga como o tepido suspiro da briza, tão melancolica e terna como o raio da lua, tão bella como o anjo sonhado nos sonhos da imaginação do poeta, eil-a tambem alli, frio cadaver ao lado daquelle por quem o seu coração estremeia e se abrasava! Ousaram resistir ao poder de um jesuita, e eil-os ahi punidos de sua temeridade, punidos por suas proprias mãos! a mais bella e adorada das amantes sepultada viva pelo amante idolatrado! Miserrimos!...

Um riso infernal sulcou os labios denegridos do scelerado, e elle proseguiu com equal sarcasmo:

— E vós também, misero velho! A vossa morte não entrava nos meus calculos, porque apenas precisava de vós como instrumento! Mas um homem de mais ou de menos não faz falta neste mundo. E, pois, que de propria vontade quizestes abreviar a vossa jornada pelas escuras veredas do reino da morte, seria crueldade oppôr embargos aos vossos projectos: portanto, boa viagem, respeitavel ancião!

Depois de pequena pausa proseguia:

— O desfecho deste drama não sahiu tal como eu o havia previsto. A morte de Julia veio inoportunamente; mas é força confessar que o acaso ou antes o demónio é melhor dramaturgo do que eu, porque apenas delineei um drama imperfeito e burlesco, entrelaçando a comedia com a tragedia, a vida de uma personagem com a morte de outra, e o acaso completou uma tragedia sublime, um bello horrivel. Vou partir para Roma, e ai do tresloucado que ousar interceptar-me o caminho nessa estrada de gloria, de porvir e de grandeza que se abre ante meus passos! Ousaram resistir-me, morreram!

Depois, avançando para os tres cadaveres, erguendo a cabeça da virgem, pousou-a sobre a perna do cadaver do pae e, attentando o semblante da donzella ao pallido clarão da lua, exclamou:

— Como é bella, embora desfigurada pela morte!

O jesuita curvou-se como a serpente maldita de Deus e imprimiu um beijo impuro nos gelidos labios da virgem!...

A lua horrorizada occultou as pallidas faces nas pregas de uma nuvem negra, e o medonho estridor do canhão ethereo, precursor da tempestade e da ira do céu, reboou pavoroso e ameaçador, quebrando a solidão da noite como um brado tremendo do genio do extermínio! ..

FIM









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).